

MUSEU DE ARTE MODERNA

DO

RIO DE JANEIRO

1953

Rua da Imprensa, 16-A

1953

Tel.: 32-7432

BOLETIM DE MAIO

N.º 7

EXPOSIÇÃO PORTINARI

Realizou-se, no dia 29 de abril último, a abertura da Exposição Portinari que há cerca de 10 anos não apresentava entre nós uma exposição de caráter individual.

PORTINARI PRESENTE

Apesar de encontrar-se adoentado, Portinari, acompanhado de sua esposa, de seu filho e de seu médico, compareceu à exposição sendo cercado por uma verdadeira legião de admiradores que queriam vê-lo ou falar-lhe. E o artista, sentado por imposição da família, a todos respondia e agradecia a homenagem carinhosa de que estava sendo alvo.

AS OBRAS EXPOSTAS:

E' a seguinte a relação dos 100 trabalhos de Candido Portinari, em exposição no Museu:

Ceia — Cataguazes — têmpera sobre tela — 1949 — Coleção José Pacheco; Via Sacra — Igreja São Francisco na Pampulha — óleo s/ madeira — 1944; Guerra — Estudo para os murais da ONU — óleo s/ tela — 1952; Paz — Estudo para os murais da ONU — óleo s/ tela — 1952; Entérro na rede — Da série Retirantes. Museu de Arte de São Paulo — óleo s/ tela — 1944; Menino Morto — Da série Retirantes. Museu de Arte de São Paulo — óleo s/ tela — 1944; Mulher sentada — óleo s/ tela — 1939; Menino com estelinguê — óleo s/ tela — 1947; Barca — óleo s/ tela — 1940; Meninos — óleo s/ tela — 1945; Mulher chorando — óleo s/ tela — 1947; Menino chorando — óleo s/ tela — 1945; Camponeses — óleo s/ tela — 1951; Homem

chorando — óleo s/ tela — 1947; Menino com pão — óleo s/ tela — 1947 — Coleção Raymundo Castro Maya; Espantalho — óleo s/ tela — 1947 — Coleção Mem Xavier da Silveira; Endomingada — óleo s/ tela — 1945; Galo — óleo s/ tela — 1950 — Coleção Mendes André; Mãe preta — óleo s/ tela — 1939; Boi-sinhos — óleo s/ tela — 1938; Maças — óleo s/ tela — 1939; Descobrimento e Bandeirantes — Estudo para o novo Edifício do "O Cruzeiro" — têmpera s/ papel — 1952; Bandeirantes — estudo — têmpera s/ papel — 1952; Projeto para Tiradentes — têmpera s/ cartão — 1949; Projeto para Pescadores. Residência do Sr. Walther Moreira Salles — têmpera s/ papel — 1951; Projeto para Bandeirantes — têmpera s/ papel — 1952; Estudo para mural — óleo s/ tela — 1942; Estudo para mural — têmpera s/ tela — 1952; Gado — têmpera s/ cartão — 1939; Estudo para um mural no novo edifício do "O Cruzeiro" — têmpera s/ papel — 1951; Estudo para um mural no novo edifício do "O Cruzeiro" — têmpera s/ papel — 1951; Barca — croquis — têmpera s/ papel — 1940; Pescadores — Estudo para o painel da residência do Sr. Walther Moreira Salles — têmpera s/ papel — 1950; Cangaceiro — Ilustração para o romance de José Lins do Rêgo — têmpera s/ papel — 1951; Ilustração para um poema de Manoel Bandeira — nanquim s/ papel — 1944; Homem com cabaça — Estudo para um mural no Ministério da Educação e Saúde — carvão s/ papel — 1937; 1.ª Missa — Banco Boavista, Rio de Janeiro — estudo — lápis s/ papel — 1947; Estudos para a Via Sacra para Igreja São Francisco na Pampulha — lápis s/ papel — 1944; Estudo para azulejo para

Igreja São Francisco na Pampulha — lápis s/ papel — 1944; Ceia — Estudo para a Ceia de Cataguazes — lápis s/ papel — 1949; 1.^a Missa no Banco Boavista — estudo — lápis s/ papel — 1947; 1.^a Missa no Banco Boavista — estudo — lápis s/ papel — 1947; 1.^o estudo para azulejos do Conjunto Pedregulho — lápis s/ papel — 1950; Estudo para a Chegada de D. João VI — Banco da Bahia, Salvador — lápis s/ papel — 1952; Estudos para os azulejos da Pampulha — lápis s/ papel — 1944; Estudo para os azulejos da Pampulha — lápis s/ papel — 1944; Garimpeiros — lápis s/ papel 1948; Fumo — lápis s/ papel — 1948; Vaqueiros — lápis s/ papel — 1948; Algodão — lápis s/ papel — 1948; Cabeça de velho — ponta seca colorida a mão — 1940; Pescador — estudo para um painel na residência do Sr. Walther Moreira Salles — lápis s/ papel — 1950; Retirantes — estudo — lápis s/ papel — 1943; Briga de cachorros — ilustração para o livro Braz Cubas — lápis s/ papel — 1943; Tiradentes — estudos — lápis s/ papel — 1949; Estudo de um pé — carvão s/ papel — 1937; Fumo — óleo s/ fibra — 1948 — Do Laboratório Silva Araujo Roussel S. A.; Borracha — óleo s/ fibra — 1948 — Do Laboratório Silva Araujo Roussel S. A.; Vaqueiros — óleo s/ fibra 1948 — Do Laboratório Silva Araujo Roussel S. A.; Café — óleo s/ fibra — 1948 — Do Laboratório Silva Araujo Roussel S. A.; — Algodão — óleo s/ fibra — 1948 — Do Laboratório Silva Araujo Roussel S. A.; Cana — óleo s/ fibra — 1948 — Do Laboratório Silva Araujo Roussel S. A.; Jangadeiros — óleo s/ fibra — 1948 — Do Laboratório Silva Araujo Roussel S. A.; Baiana — óleo s/ fibra — 1948 — Do Laboratório Silva Araujo Roussel S. A.; Cacáu — óleo s/ fibra — 1948 — Do Laboratório Silva Araujo Roussel S. A.; Estudo para a "Chegada de D. João VI", Banco da Bahia. Óleo s/ tela — 1952.

PESSOAS PRESENTES

Estiveram presentes: sr. Teodoro Alvarado Garaicoa, ministro das Relações Exteriores do Equador, acompanhado pelo ministro Boulitreau Fragoso, que foi recebido pela diretoria da instituição, composta do Embaixador Maurício Nabuco, das sras, Niomar Moniz Sodré e Carmem Portinho e dos srs. Carlos Figueiredo e Aloísio de Salles; sr. Arturo Borrero, embaixador do Equador; ministros Horacio Lafer, Ne-

grão de Lima; Simões Filho; embaixador Antonio de Faria, ministro Ribeiro da Costa, embaixatriz Renato Lago, senador Assis Chateaubriand, embaixador Barros Pimentel, o vice-presidente Café Filho, o ministro Ataulfo de Paiva, senador Ferreira de Souza, o embaixador da Itália e sra. Giovanni Fornari, o ministro Vasco Leitão da Cunha, deputados Raul Pila, Jorge Lacerda, Carlos Lima Cavalcanti, Carlos Luz, Daniel de Carvalho, Ernani Satiro, Saturnino Braga, Gustavo Capanema, Sales de Moura Ferreira, Heitor Beltrão, Helio Burgos Cabal, José Parcifal Barroso, Ostruji Roguski, Arthur Santos, a maioria acompanhada de suas espôsas. O embaixador da França, sr. Gilbert Arvengas, o embaixador Ivan Vejwoda e senhora. O sr. e sra. Anibal Machado, Antonio Bento, Santa Rosa, Wladimir Alves de Souza e senhora, Rubem Braga, Flavio de Aquino, Carlos Drumond de Andrade, a escritora Carolina Nabuco, os pintores Gastão Worms, Harri Cole, Margaret Spence, Pedro Correia de Araujo, o poeta Manuel Bandeira, D. Gerardo, o estimado religioso do Mosteiro São Bento, o romancista José Lins do Rêgo, a escultora Maria Martins, o sr. e sra. Wolfgang Pfeiffer, a cronista Elsie Lessa, Simeão Leal, o romancista Ivan Pedro Martins, o ensaísta Carlos David, o ator José Lewgoy, o pintor Eros Martin Gonçalves, o escultor Alfredo Ceschiatti, Edmundo Moniz, o sr. e sra. Gunter Pape, sr. Aderson Magalhães, srta. Andreina Salvini, sr. Alberto Sued, sr. e sra. Amorim Diniz, sr. Albert Niquet, sr. Athos Bulcão, srta. Astréa Dutra, sr. e sra. Antonio A. Moniz Vianna, sra. Adelaide Kallay, sr. e sra. Austregésilo de Athayde, sr. Alvaro Soares Sampaio, sr. e sra. Américo Bréia, sr. e sra. Antonio Prado Neto, senador Alexandre Marcondes Filho, sr. Aldary Henriques Toledo, sr. e sra. Adolf Hermann Steger, sr. Arlindo Ribeiro Fraga, sr. e sra. Atila Soares, sr. e sra. Armando Monteiro, sr. e sra. Ahmés de Paula Machado, sr. Alberto Silva Lima, sr. Augusto Frederico Schmidt, sr. Afonso Eduardo Reidy, sr. Aloísio Carvão, sra. Anna Vasconcellos, sra. Antonieta Barreto do Carmo, sr. André Jordan, sra. Adelaide de Azevedo, sr. Antonio Bento Duarte, sr. Arnaldo Estrella, sr. Alfredo Frederico Sedlmayer, senador Alvaro Adolfo, sra. André Buchi, sr. e sra. Alberto Andrade Queiroz, srta. Alice Lima, sra. Alcendina Guimarães Inocencio, sr. Augusto Vicente Vianna Júnior, ministro Aguinaldo Bou-

litreau Fragoso, sr. e sra. Alfredo Veiga de Carvalho, sr. e sra. Antonio Gavião Gonzaga, sr. conselheiro Alfredo Polzin, sr. Antonio de Chagas Freitas, sr. e sra. Animadav Palatnik, sr. e sra. Abraham Palatnik, sr. Alexandre Rodrigues dos Anjos, sra. Ana Luiza Campos de Arruda Botelho, sra. Alba Del Vecchio Haddock Lobo, sr. Ary Garcia Rosa, sr. e sra. Afonso Celso de Figueiredo, sr. e sra. Arlette Moura Brasil, sr. Alberto Venancio Filho, sr. e sra. Anisio Costa, sr. e sra. Adalberto Kenedi, sra. A. Gonçalves de Mello, sra. Alcina Imbassahy R. Duarte, sr. Antonio Carlos de Paula Ramos, sr. Armando Stamile Genarino, sr. e sra. Angelo Italo, srta. Annair Nogueira Bernacchi, sr. e sra. Ary Monteiro Lopes, sr. Angelo Lazary Guedes, sra. Alice de Oliveira Mendes, srta. Anna Letycia Quadros, sr. Accioly Neto, sr. e sra. Aprigio dos Anjos, sr. Aloysio de Paula, sr. Antonio Olinto, sr. Alberto Silva Lima, sra. Adriana Mera, sra. Beata Vettori, sr. e sra. B. Muzschinsky, sr. Bagdócimo, sra. Bertha C. Leitchic, sra. Beatriz de Berredo Carneiro, sr. Batista Pereira, sra. Bertha Maria Gomes Gavião Gonzaga, sr. Carlos David, sr. Carlos Maul, sr. Castro Menezes, sra. Cordelia Dutra de Mesquita, sr. e sra. Chryso Fontes, sr. Cypriano Amoroso Costa, sr. e sra. Carlos G. Leluaui Rodriguez, sr. e sra. Carlos da Silva Ramos Perry, sr. Ceschiatti, sr. e sra. Carlos Coelho Louzada, sr. e sra. secretário Claude Leprevost, sra. Celme Santos, sr. Caio Pinheiro, sr. Celso Dantes Santos, sr. Claude Prey, sra. Carneiro de Mendonça, sr. Chermont de Brito, sra. Claude Vincent, sr. Carlos Ballerino, sra. Diva Autran Mendonça Pinto, sr. e sra. Dante Milano, sr. e sra. Daniel Paladini, sr. e sra. Douglas L. Eyben, sr. Dante Croce, sr. e sra. Didur de Freitas Castro, sr. e sra. Dagoberto Carneiro Filho, sr. e sra. David Pereira do Carmo, sr. e sra. Demosthenes Madureira de Pinho, sr. Decio Vieira, sra. Dalia A. Mello Franco Alves, sr. Dario Cabral, sr. deputado Ernani Satiro, sr. e sra. Elmano Cardim, srta. Edith Behring, sr. Ernani Mendes de Vasconcellos, sra. Elza Maria Trybom, sra. Elza Queiroga, sr. e sra. Ermelindo Matarazzo, sr. desembargador Eduardo Espindola Filho, sr. Edmundo Lins, sr. Evandro Mendes Vianna, sra. Elisa Martins da Silveira, sr. e sra. Evandro Correia de Menezes, sra. Esther F. Boyer, sr. Elias Kaufmann, sr. Edgard Alencar, sr. e sra. Eduardo Alvim Correia, sra. Eloyza Medeiros, srta. Edy Soares de Sá, sr.

e sra. Eurico Nogueira França, sr. e sra. Emmanuel Stumpf, sr. secretário Erick Huesch e sra.; sr. Edgard F. Bhering, sr. Euzebiusz Dworkin, sr. Eurico Teixeira de Freitas, sr. e sra. Ernesto R. Moos, sr. e sra. Francisco Silva Nobre, srta. Flavia Maria da Silveira Lobo, sr. e sra. Francisco de Paula Lemos Bolonha, sr. Frank Santos de Sampaio, sr. Fernando Luiz Loureiro, sra. Flavia da Silveira Lobo, sr. Felon Bomilcar, sr. Floresta de Miranda, sr. e sra. Ferreira da Rosa, sra. Flora Maria Monteiro Vieira, sr. Franklin de Oliveira, sr. Fernando Romani, sr. Frederico Carlos Carnauba, sr. Fernando Pamplona, sr. Fernando Machado Portela, sr. Firmino Fernandes Saldanha, sr. Fábio Jordão, sr. Fernando Haddock Lobo, sr. Flávio de Aquino, sr. Geraldo Jurgensen, sr. Gabriel Lacombe, srta. Gabriella de Mendonça Taylor, sra. Grace Ralston, sra. Gordon Brown, sr. Gastão Cruis, sr. Gerson Augusto de Montenegro Corrêa, sra. Gisele M. C. de Almeida Goulart, sra. Gilda Maria Monteiro Vieira, srta. Gilda Arrape, sr. Gil Ribeiro, sra. Graciema Machado, sra. Georgina de Albuquerque, sr. e sra. Gilberto Trompowsky, sra. Gabrielle Mineur, sr. Georges Blin, sr. e sra. Geza Heller, sr. Gabriel de Souza Aguiar, sr. Helio Vicente Vianna, sra. condessa Helen de Robilant, sr. e sra. Heitor Grillo, sra. Hilde Weber Abramo, sr. e sra. Hugo de Meira Lima, sr. e sra. Hermes Lima, sr. Helio Pinto de Oliveira, sr. e sra. Herculano Thomaz Lopes, sr. e sra. Herbert Moses, sr. e sra. Hamilton Fontenelle Cabral, srta. Helena Pimenta Bueno, sra. Henriette Weiss, srta. Hilda Goltz, sr. e sra. Horacio Klabin, sr. e sra. Harold Spence, srta. Helia Souly, sr. Helio Fernandes, sr. e sra. Helio Modesto, senhor Helio Uchôa, senhor Herberto Dutra, senhor Hipolito Botelho Ponce de Leão, senhor Helio Mamede, senhor e senhora Hidal Porto, senhor Haroldo Cavalcanti, representante do secretário de Viação da Prefeitura, sra. Helena Azevedo, sra. Iruacy Cruz dos Santos, sra. Isabel de Hajdu, sr. e sra. Ivan Pedro Martins, sr. Ivo Azevedo, sr. e sra. Iseu de Almeida e Silva, sr. e sra. Ismar Gama Fernandes, srta. Irena Maria Falcão Mendonça, sra. Ingeborg Endress Dreyer, sra. Ione Cordeiro e Silva Rudge, srta. Isa Navarro, sr. Isaac Tapajós, sra. Inês Young, srta. Inês Portinari, sr. Ibrahim Sued, sr. e sra. João Vidigal Martins da Costa, Mr. and Mrs. J. L. Cunningham, sra. Josefina Paterson, sr. e sra. Jan Sech, sr. Jorge da

Silva, sra. José Barroso, sr. Jorge Barreiro, sr. José Bogéa, sr. e sra. Jayme Ovale, sr. e sra. Johannes Dreyer Pohl, sr. e sra. José Martins Gomide, sr. e sra. Jorge Emilio de Souza Freitas, sr. e sra. João Maximiniano Ferreira, sr. Jordão de Oliveira, sr. e sra. José Antonio Lima Guimarães, sr. João José Pacheco da Fonseca, sr. José Barroso, sr. Jorge Moreira, sr. José Maria Monteiro, sr. José Eduardo Gonçalves, sr. e sra. José Wilkensens Jr., sr. José Eduardo de Oliveira Penna, sr. e sra. José Condé, sr. Jorge Jabour Mauad, dr. José Pacheco de Medeiros, sr. e sra. J. Ferreira Filho, sr. e sra. João Pereira da Fonseca, sr. Jarbas de Carvalho, sr. José Lewgoy, sr. e sra. José Nabuco, sr. e sra. José Luiz Guerreiro de Barros, sr. José Nolasco Albano, sr. e sra. John Frankel, srta. Jenny Aglaé Gordon, sr. Joaquim Ribeiro, sr. Jorge Ferreira, sr. João José Vieira, sr. e sra. Jean Gerard Fleury, sr. José Carlos da Silva Machado, sr. e sra. Jayme Sloan Chermont, sr. Jacintho de Thorntes, sr. João Soares de Pinna, sr. Juliano de Castro, sr. João Carlos Osório, sr. José Paulo de Azevedo Sodré, sr. Jorge Ferreira, sr. e sra. José Rodrigues de Santos, sr. Kurt Weil, sr. e sra. Lucas Mayerhofer, sr. e sra. Leonel Miranda, sr. Luiz Augusto Alves Feitoza Filho, sra. Lucette Laribe, srta. Lygia Fernandes, sr. e sra. Lêdo Ivo, sr. Lauro Francisco Paraiso, sr. e sra. Luiz Emygdio de Mello Filho, srta. Lilyan Schwartzkopf, srta. Leyla Araujo Castello Branco, sra. Léa Bittencourt de Oliveira, sr. Luiz Bueno Filho, sr. Luiz de Almeida Nogueira Porto, sr. e sra. Luiz Maia Bittencourt Menezes, sr. Marc Bercovitz, sra. Maria de Camargo e Almeida, srta. Maria Victória Lessa, sra. Maria Angelica Camon, sra. Maria Amelia de Souza Rebecchi, sr. e sra. Mauricio Roberto, srta. Maria de Lourdes Pimentel, srta. Maria Helena Italo, sr. Maercio Lemos de Azevedo, sr. Mario Pereira de Lucena Filho, sra. Marcelo Carneiro, sra. Metta Schulck, sr. Martin Garcia, sr. Murilo Almeida dos Reis, sra. Marguerite Verdié, sr. Marcos de Vasconcelos, sra. Maria Wanderley Menezes, sra. Mercedes Miranda, sr. Mauro Pimentel, sra. Maria Navarro de Souza, sr. Milton dos Santos, srta. Maria Lima, srta. Maria Luiza Brito, sr. e sra. Mario Kroeff, srta. Maria Nadeje de Alencar Pinheiro, sra. Maria Pareto, sra. Maria Lucia Costa Rodrigues, sra. Maria Helena de Andrade Pinto, sr. Martin N. Garcia, sr. e sra. Martin Baral, sra. Misabel Pedroza, srta. Malub

de Ouro-Preto, sr. e sra. Manoel Leão, sra. Maria Claudia Mesquita e Bonfim, sra. Maria Laura Osser, srta. Maria de Nazareth Moniz de Aragão, sr. e sra. Mario Henrique Nacinovic, srta. Marilu Montenegro, sr. e sra. Mario Agostinelli, sra. Maria Bonaccorsi de Souza, sra. Maria Luiza S. J. de Ouro-Preto, srta. Maria Helena Machado da Franca, srta. Marlene da Silva Vasconcellos, srta. Maria de Lourdes Zillig, srta. Marina de Barros e Vasconcellos, srta. Maria Antonieta de Mesquita Barros, sra. Marta Elsa W. de Pinheiro Barros, sr. Marcos Muricy, srta. Maria do Rosario Ribeiro da Silva, srta. Maurilia Alves Danziato, sr. e sra. Nehemias Gueiros, sr. Nilson Penna, srta. Nair José Vieira, srta. Neide Horta Barbosa Cardoso, srta. Norah Levy, srta. Nara Baptista de Oliveira, sr. Oscar Argollo, sra. Olga Medawar, sra. Octavio Simonsen, sr. e sra. Olegario Mariano, sr. deputado Ostoja Roguski, dr. Othon Paulino, sr. Otavio Carneiro Lins, sra. Orlane C. Salles, sra. condessa Von Orlendof, sra. Olga Reinheimer, comandante Oswaldo Pinto de Carvalho, sr. e sra. Oliveira Lima, sr. Otavio Araujo, sra. Olga Prousbau Abramson, sr. e sra. Olavo Redig de Campos, sr. Osmar de Assunção, sr. e sra. Pitowitski, sr. Pernambuco de Oliveira, dr. Paulo Lavrador, sr. e sra. Pericles Madureira de Pinho, dr. Pecego e sra., sr. Paulo Inglês de Souza, sr. Paulo D. Hardwick, sr. e sra. Paulo Barata Ribeiro, sr. Paschoal Carlos Magno, sr. Paulo Barros de Campos, sr. e sra. Paulo Peltier de Queiroz, sr. e sra. Paulo de Sampaio, sr. e sra. Paulino Barroso Salgado, sr. e sra. Pedro Pernambuco Filho, sr. Peregrino Jr., sr. e sra. Paulo Barros, sr. e sra. Paulo Boavista, sr. Paulo Filho, sr. e sra. Pedro Lessa Spver, sr. Phillippe Maeck, sr. e sra. Paulo de Carvalho Fontes, sr. e sra. Pierre Lucie, sr. Piero Nagelschmidt, dr. Paulo Amicc e sra., sr. e sra. Paulo Celso Moutinho, sr. Paulo Antunes Ribeiro, sr. Plinio Travassos, sr. Panfilo de Carvalho, sr. Quirino Campofiorito, sr. e sra. Rescala Bitar, sr. e sra. Ramiro dos Santos Villar, srta. Regina M. R. Sinigaglia Xavier, sra. Rosetta da Costa Pinto, sr. e sra. Ruy Vianna Bandeira, sra. Rachel Jardim, sr. Ronald Pizarro, srta. Regina Sampaio Doria, sr. Reynaldo Marques Berutto, srta. Ruth Chagas, sra. Regina Cerqueira Schmidt, sr. e sra. Raul Pedrosa, sr. Ronaldo Ribeiro de Abreu, sr. e sra. Renato de Mendonça, sr. Rogerio Pfgaltzgraff, sra. Baroneza Rochette, sr. Rodrigo Mello Franco de

Andrade, sra. Rosinha Leão, sra. Rosalina C. Mendes de Almeida, sr. Renato Almeida, sr. Roberto Linhares, sra. Rita Cruz, professor Stanislaw L. Waderberger, sra. Suely J. Kretzmann, sr. e sra. Thiago de Mello, srta. Theomar Cordeiro da Silva, sr. e sra. Thomaz Ribeiro Colação, sr. e sra. Simões de Oliveira, sr. e sra. Samuel Rocha Silva, sra. Sylvia Patricia, sr. Sigmund Weiss e família, sr. Sergio Cardoso Ayres, sr. Sylvain Frev, sr. e sra. Stanislaw Barcinski, srta. Sylvia Rezende, sr. e sra. Santiago Fernandes, sra. Baronesa de Saavedra, sr. Thadeu Maia de Carvalho, sra. Tatiana Chagas Memoria, srta. Thereza Candido Oliveira, sr. e sra. Teofilo Leal, sr. e sra. Theodoro Arthou, sra. Telma Barata Ribeiro, sra. Theomar Cordeiro, srta. Virginia Marionte, sr. Victor Hugo da Costa, sr. e sra. V. E. Blomfield, sra. Vera

Pacheco Jordão, S. Ex. o sr. e sra. T. B. Vahervuori, sr. Vicente Lima, sr. e sra. Vicente de Paula, sr. Vasco Pezzi, sr. Walfredo Machado, ministro Waldemar Ferreira Marques e sra., conselheiro professor dr. Werner Peiser e sra., sr. Willy Lervin e família, sr. Walter Quadros, sra. Wanda Torres, sra. Yara Guiomard, sra. Yara Ferraz de Góes, sr. Yllen Kerr.

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

Encontra-se à venda, no Salão de Exposições do Museu, o catálogo da Exposição Portinari, com cerca de 60 páginas, contendo conceitos de críticos e intelectuais do Brasil e do estrangeiro, bem como vários clichés de trabalhos que se encontram na exposição.

SÓCIOS

O Museu tem as seguintes categorias de sócios: Benemérito, Remido, Efetivo, Contribuinte e Correspondente.

Sócio Benemérito será aquele que fizer doação de valor excepcional ou prestar concurso relevante às atividades do Museu.

Sócio remido será aquele que fizer o pagamento de pelo menos Cr\$ 10.000,00 ou doação deste valor.

Será sócio efetivo o que, além da anuidade de Cr\$ 250,00 contribuir com

jóia não inferior a Cr\$ 2.000,00 ou que fizer doação de obra de arte, que não seja de sua própria autoria, aceita pela Comissão Executiva.

Será sócio contribuinte aquele que pagar a anuidade de Cr\$ 250,00 ou contribuir com Cr\$ 25,00 mensais.

Será sócio correspondente o que, residindo fora do Distrito Federal, auxiliar o Museu pagando anuidade ou prestando serviços de acordo com a Comissão Executiva.

O QUE O MUSEU JÁ OFERECE A SEUS SÓCIOS

- | | |
|---|--|
| 1) Convite para todas as inaugurações; | 4) Convites para conferências e todas as iniciativas do Museu; |
| 2) Entrada grátis no Museu com a apresentação da carteira de sócio; | 5) Acesso à pequena biblioteca do Museu; |
| 3) Participação nos cursos de pintura, escultura, modelagem, cerâmica e outros que se vão formar; | 6) 15% de abatimento na aquisição de livros, reproduções, desenhos e catálogos das exposições; |
| | 7) Este Boletim mensal, grátis. |

NOVOS SÓCIOS DO MÊS DE ABRIL

Remidos:

Pedro Correia de Araujo, Mário Cra-vo Jr. e Alexandre Rodrigues dos Anjos.

Efetivos:

Francisco Ignácio Peixoto, Antônio C. da Câmara Canto, Norma de Lourdes Moniz de Aragão e Geraldo Musso Baltar.

Contribuintes:

Ines Young, Marie Jeanne Abbott, June Pearson, Heloisa Leonie Geyerhahn, Ayres de Carvalho, Antonieta Barreto do Carmo, Douglas L. Eyben, Fernando Araujo Bureau, Gilda Goulart Pontual, Sônia Gomes Ferreira de Beauclair, Gallia Popoff, Heloisa Nascimento de Araujo, Mary de Souza Rosa, Yedda Castro Pinto, Mário Greenhalg Cabral, Maria Bonaccorsi de Souza, Romeo Zero, Genaro Martinez Silva, Maria The-reza Hosannah Cordeiro, Isabel de Hajdu, Regina Maria Ramos Rangel, Regi-na Cerqueira Schmidt, Maria Amália Barbosa Corrêa, Henio de S. Moreira, Theodorico dos Santos Araujo, Freda Cavalcanti Jardim, Rosetta da Costa Pinto, Cecília Monteiro de Barros, Nair Vidigal Martins da Costa, Wanda Jatobá, Paulo Barbosa Bokel, Ernani Mendes de Vasconcellos, Sylvia Fontes Nunes, Thereza Candido de Oliveira, Or-lane C. Salles, Jorge da Silva, Thia-go de Mello, Ruy Pereira da Silva, Luiz Alberto Bahia, Alberto Sued, Nise He-lena Castello, Ronaldo Ribeiro de Abreu, Dolores Mercedes Mora y Araujo de Couto e Silva, Reinaldo Antonio da Silva Chaves, Amil Alves, Cordolino José Ambrósio, Lúcia Vitória Peltier de Quei-roz, Paulo Peltier de Queiroz, Maria Lima, Nair Andréa de Oliveira Torres, Alberico Gomes Barreto, Thadeu Maia de Carvalho, Hélio Beltrão, José Nolasco Albano, Dante Croce, Pedro Caminada Manuel Gimondi, Sonia Veiga de Carva-

lho, Bertha Maria Gomes Gavião Gon-zaga, Newton Ribeiro Salgado, Antonio Gavião Gonzaga, Emê de Almeida Sal-gueiro, Mercedes Gross de Miranda, José Luiz Guerreiro de Barros, Harry James Cole, Sigrid Nepomuceno Alvim-Correa, Eduardo Alvim-Correa, Astréa Dutra dos Santos, Herberto Dutra, Nelson de Sou-za Lima, Polly Mc Donell, Bustamante Sá, Nelson Almeida Filho, Eduardo Fer-reira Monsanto, Sergio Felix de Mello, Anisio Costa, Lauro Pavane, Murillo Al-vim Pessoa, Olga Margarethe Verner, Martha Fernandes Braga do Couto e Miguel de Oliveira Ribeiro.

Correspondentes:

Paulo Berrêdo Carneiro e Nelson Alves da Fonseca.

TRANSFERÊNCIAS

De Sócio Efetivo para Sócio Remido:

José Velasco Portinho.

De Sócio Contribuinte para Sócio Efe-tivo:

Eliza Martins da Silveira, Lygia Clark e Déa de Campos Lemos.

A Secretaria do Museu pede aos Senhores Sócios para, em caso de mudança de residência, fazer, com a maior brevidade, a comunicação do novo endereço, a fim de que con-tinuem recebendo, regularmente, os convites para exposições, conferên-cias, remessa de boletins e demais informações sobre as atividades do Museu.

10 MILHÕES PARA O MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO

ENTREVISTA DO DEPUTADO JORGE LACERDA AO «DIÁRIO CARIOCA»

O sr. Deputado Jorge Lacerda, autor do projeto que concede dez milhões de cruzeiros ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, concedeu, no dia 16 de abril passado, a seguinte entrevista ao «Diário Carioca»:

«Meu interesse pelos artistas plásti-cos — disse o sr. Jorge Lacerda, na entrevista — já está patenteado com o substitutivo que apresentei ao projeto do ilustre deputado Osvaldo Orico, que propôs a criação de um Prêmio Nacional de Literatura. O meu substitutivo, hoje trans-formado em lei, ampliou a iniciativa para criar também um Prêmio Nacional de Ciência e um Prêmio Nacional de Arte. Dêsse último, cujo valor é de 100 mil cruzeiros, se beneficiarão os artistas plásti-cos tão deslembados entre nós. Pretendo, aliás, tomar outras iniciativas que irão amparar os nossos escultores, pintores, gravadores e demais artistas plásticos de nosso país.

— Dentro dêsse espírito — prosse-guiu — é que me propuz apresentar e de-fender com o maior ardor a minha ini-ciativa que destina dez milhões de cruzeiros como auxílio para o início da cons-trução da sede do Museu de Arte Moder-na do Rio. Esta proposição já teve apro-vação da Comissão de Finanças e da Co-missão de Educação e Cultura da Câmara e creio que o plenário acompanhará o pa-recer dos aludidos órgãos.

— O prédio e as instalações do Mu-seu — explicou o sr. Jorge Lacerda — irão custar cerca de setenta milhões de cruzeiros. Não é justo que todo êsse ônus recaia sobre a direção e os associados da-quela entidade cultural. Incumbe, aliás, ao poder público levar sua cooperação a empreendimento de tamanho significado. E o que se lhe pede é uma parcela mí-nima daquela importância.

Respondendo às objeções levantadas ao projeto, disse:

— Alega-se que a crise do país não permite que se destinem recursos para obras de sentido cultural. Os países eu-

ropeus, quando em guerra, deram lições admiráveis de seu aprêço constante aos problemas da cultura. Churchill, sob os bombardeios, fez criar os conselhos de arte com objetivo de financiar, incentivar, estimular as bibliotecas e os museus. Êsse mesmo espírito dominou a França e ou-tros países durante a conflagração. Não se pode cuidar com intermitências de um problema que é permanente, como os pro-blemas da inteligência e da cultura, que são aqueles que dão a marca de uma civi-lização.

NÃO PRIVEM O RIO DO MUSEU

Outro argumento — prosseguiu — é de que a mudança da capital não permite que se criem obras de vulto na atual ca-pital da República. Como já disse em ou-tra oportunidade, não creio que se queira adotar para o Rio de Janeiro a tese da «delenda Carthago». O Rio sobrevirá à mudança da capital e mais do que nunca necessitará de empreendimentos que o tor-nem não só uma cidade com atrações tu-rísticas, que lhe dão a base do progresso, como ainda um centro de inteligência na vida cultural do país. Retirem quase tudo do Rio e até o principal — o Tesouro — mas não lhe retirem o direito de criar os seus instrumentos de difusão cultural e artística.

CEDIDO O TERRENO

Informou o sr. Jorge Lacerda que a Prefeitura Municipal já cedeu o terreno nas proximidades do Aeroporto Santos Dumont para o edifício que será construído pelo jovem arquiteto Afonso Eduardo Reidy, atendendo a um amplo programa com local para exposições permanente e temporárias: documentação, biblioteca, ma-poteca, fototeca, filmoteca e discoteca; au-ditórios para conferências, projeções e concertos; salas para cursos de pintura, desenho, gravura, modelagem e escultura; laboratórios químicos e fotográficos; ate-lier para conservação e reparação das obras de arte, oficina de encadernação de livros, etc.»

CURSOS DE PINTURA, MODELAGEM E CERÂMICA

É o seguinte o horário dos diversos cursos de pintura e modelagem do Museu:

Pintura

Professor Ivan Serga:

Terça-feira — 18,00 às 20,00
 Quinta-feira — 18,00 às 20,00
 Sexta-feira — 18,00 às 20,00
 (aula teórica, dada no Museu para os alunos de todas as classes).
 Sábado — 14,00 às 16,00 e 16,00 às 18,00 (para crianças, filhas dos sócios);

As aulas do professor Ivan Serga estão sendo realizadas no Edifício Municipal, à Avenida 13 de Maio, 13.

Modelagem e Cerâmica

Professora Margaret Spence:

Terça-feira — 14,00 às 16,00
 Quinta-feira — 14,00 às 16,00

As aulas da professora Margaret Spence estão sendo realizadas no Instituto de Cerâmica, criado pelo Museu, à rua Visconde de Niterói n.º 244.

APROVADA PELO PREFEITO

A DEMARCAÇÃO DO TERRENO PARA A SEDE DO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

Nos últimos dias de sua administração, o Sr. João Carlos Vital enviou à Câmara de Vereadores mensagem propondo a doação ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro de um dos terrenos que resultariam da área conquistada ao mar com o atêrro que circunda a Avenida Beira-Mar. Aprovada na Câmara local, a proposição foi transformada em lei, já então pelo atual prefeito.

Em ato de 27 de abril, aprovando a demarcação apresentada pelo Departamento de Urbanismo, teve o Coronel Dulcídio Cardoso mais uma oportunidade de concorrer, através de ações concretas, para que a realidade da construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro fique cada vez mais próxima. A cidade não deixará, por certo, de apreciar-lhe os atos que resultaram em tão grandes e significativos benefícios para o Museu de Arte Moderna, que será a sua casa de maior expressão artística.

O processo referente ao assunto da doação, com o "aprovo" do prefeito, foi enviado à Secretaria Geral de Finanças, onde deverá transitar para efeito de anotações e outras formalidades imprescindíveis.

A IMPRENSA E O MUSEU

FLAGELADOS E MUSEU

A Câmara está vivamente agitada pelo projeto do deputado Jorge Lacerda, que atribui uma verba de 10 milhões de cruzeiros ao Museu de Arte Moderna desta Capital. É verdade que, nesta hora, em que a voz do estômago domina a orquestra das necessidades brasileiras, dez mil contos podem parecer excessivos para um empreendimento puramente artístico. Vai daí, levantar-se os deputados, liderados nesta campanha por meu querido amigo Adail Barreto, da bancada cearense, de quem discordo pela primeira vez, para negar ao Museu, em nome dos flagelados, a pequena ajuda proposta pelo Sr. Jorge Lacerda.

Inicialmente, tanto este modesto cronista com o ilustre representante udenista de Santa Catarina encontram-se perfeitamente à vontade — e Adail Barreto será nossa melhor testemunha — para debater o assunto. Sabe meu ilustre conterrâneo que, embora com pouca ressonância e menos brilho, ninguém, na imprensa carioca, tem sido tão constante ao seu lado e ao lado dos demais homens públicos do Nordeste, na defesa dos interesses de nossa abandonada região, como este obscuro colunista. E ninguém terá sido mais parco, na Câmara, na proposta de verbas inúteis, do que este congressista exemplar que é o Sr. Jorge Lacerda.

O auxílio agora proposto ao Museu de Arte Moderna é o mais justo e o mais oportuno. Se isto fosse regimental, o projeto deveria mesmo conter um voto de louvor aos artistas, aos intelectuais e aos Mecenas dessa magnífica instituição, especialmente a esta grande dama brasileira, que é a senhora Niomar Moniz Sodré, à força de cuja graça, inteligência e fidalguia de espírito, deve o Brasil o milagre deste Museu.

Apelo para o meu amigo Adail Barreto: deixe ao senhor Roberto Morena a tarefa ingrata de perseguir no Brasil uma instituição de arte. Poupe ao nosso Estado do Ceará a triste glória de impedir o florescimento de um Museu. A

verba solicitada pelo Sr. Jorge Lacerda não será tirada das quotas da seca nem das estradas, nem irá aumentar a fome de ninguém neste País. É muito melhor darmos um pouco de dinheiro ao Museu, do que darmos ao Sr. Roberto Alves para passear na Europa. O momento de agonia econômica que estamos vivendo, também não justifica a má vontade contra a arte. A inteligência e a cultura têm fornecido aos povos civilizados, em todos os tempos, mais elementos de resistência do que qualquer outro recurso humano. Ainda na última guerra, vimos as nações mais atribuladas pelo conflito, voltarem-se, comovidamente, para os problemas da cultura e da arte mais desinteressada. A Inglaterra mobilizou seus poetas e seus pintores para batalhas de arte nos dias mais negros da penúria e do bombardeio.

A Rússia encomendava a Shostakowski a Sinfonia de Leningrad, enquanto os soldados comiam ratos nas trincheiras. A Resistência francesa sustentava as tipografias clandestinas que imprimiam versos de Aragon e de Eluard. Mussolini promovia edições de luxo das obras de Leopardi e das versões de Nietzsche. Hitler mandava editar aos milhões, para distribuir aos soldados no front, como presente do correio de guerra (Feldpostausgabe), poemas de Rilke, cartas de Hoelderlin, os Cantos Místicos de Novalis e até obras de mais de mil páginas, como o "Der Cicerone" de Jacob Burckhardt, sobre os monumentos plásticos da Renascença Italiana.

Nossa situação é de penúria. Mas não tão grande como a desses países nos últimos dias da guerra. E as tradições de cultura de nosso Nordeste, meu caro Adail, se sentirão orgulhosas, se, à custa de mais um furo em nosso cinturão, pudermos contribuir para a grandeza do patrimônio artístico do Brasil, enriquecido com a obra da fidalga baiana Niomar...

(G. MOURÃO — "Gazeta de Notícias", 31-3-953).

O PROJETO LACERDA

Está em votação na Câmara um projeto de lei dando numerário para as iniciativas particulares em favor das artes plásticas. Para os museus de arte moderna do Rio e de São Paulo dará a Nação auxílio necessário para que eles se possam desenvolver com mais amplitude. Assumiu esta admirável iniciativa o deputado Jorge Lacerda, que, em suas funções de parlamentar, se tem posto sempre a serviço da cultura.

Acredito que, em plenário, o projeto será recebido com unanimidade. A Câmara, pondo-se assim em defesa da difusão das artes, satisfaz ao povo e ajuda ao Brasil a ser mais alguma coisa que um país exportador de café. Precisamos de mais arte, de mais coragem para gastar dinheiro com o que não nos dá divisas, na balança comercial. Botar de lado as necessidades artísticas é não cuidar de seu futuro, é não levar em conta o que é maior que as riquezas materiais. Um povo sem arte é um povo desgraçado, tão desgraçado quanto um povo sem pão. Estou certo que os nossos deputados prestigiarão o projeto Lacerda. Muitos erros têm-se cometido em nossa Câmara. Há deputados que deviam estar no banco de réu. Apesar de tudo, ainda não perdi a fé em nossa democracia. Se por um lado vêm eles realizando política suicida, em relação a interesses básicos do país, por outro se portam com rigor e superioridade a altura de nossas tradições. Não é um Congresso perdido; é um Congresso que poderá recuperar a confiança da Nação, se reagir contra a decomposição que nos degrada.

Todos nós esperamos que o projeto Lacerda seja votado com o apoio de todos os homens que queiram servir ao Brasil.

JOSÉ LINS DO RÊGO

(«A Manhã» — 12-4-953).

OS DEPUTADOS E O MUSEU DE ARTE MODERNA

Examinando-se a história das artes plásticas e da música no Brasil, no Império e na República, não se pode deixar

de reconhecer que D. Pedro II fez o que pôde para incentivar e educar pintores, escultores e compositores.

Quando o orçamento imperial não dispunha de verbas para o custeio de pensões aos artistas, o monarca dava de seu próprio bolso dinheiro a estudantes de música e pintura, a fim de que uns e outros viajassem para a Europa. E interessava-se pessoalmente pelo problema da formação dos nossos artistas, tendo, nesse particular, uma visão larga da importância que as artes têm no desenvolvimento da cultura. Na República, os Presidentes nem sempre foram ou são homens que disponham da educação e do gosto dos príncipes; não só os Presidentes como os Ministros de Estado e a maioria dos membros do Poder Legislativo. Alguns até pensam que os problemas de educação artística são secundários, em face de outros interesses do povo. Outros pensam que os museus são casas de burgueses e de aristocratas.

Na Câmara Federal, deve ser votado, em última discussão, talvez ainda no correr desta semana, o projeto de lei (da iniciativa do deputado Jorge Lacerda) que manda doar ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a quantia de dez milhões de cruzeiros, para início da construção de uma sede, em terreno junto ao Aeroporto Santos Dumont. A preposição encontrou ambiente simpático nessa Casa do Legislativo, embora alguns deputados, segundo certos rumores, sejam contrários a gastar com obras de arte, por motivos "populistas".

O fato é que os museus são uma criação típica da idade contemporânea. Todos sabem que por isso mesmo os museus se tornaram verdadeiras instituições públicas, desde que, após a Revolução Francesa, o "Palácio do Louvre", transformou-se em Museu. Isso aconteceu graças ao trabalho de David, embora já, em 1746, o crítico de arte La Font de Saint-Yenne tivesse lançado a idéia da transformação daquele palácio real num museu público, a fim de que todos pudessem admirar as obras-primas existentes na França. Assim, esse instrumento por excelência da educação popular que é o Museu, pode ser legitimamente considerado um dos filhos ditos da democracia.

Em virtude do decreto de 27 de julho de 1793, o Louvre tornou-se um Museu Nacional, em que se montaram os tesouros artísticos.

A mudança operada pela Revolução Francesa foi enorme, nesse domínio da cultura popular. O que era outrora uma instituição privada, de propriedade de reis, príncipes e nobres e vedada ao povo, passou a ser uma instituição nacional, dedicada à educação do público e, especialmente, à formação dos artistas.

Já se vê que os deputados brasileiros não devem nem podem ter nenhum preconceito de ordem política ou cultural contra a doação que vai ser feita ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Esta Casa dará impulso novo à arte brasileira, ainda tão pouco conhecida no exterior. Só um Portinari ou um Villa-Lobos lograram, em nossos dias, firmar lá fora seus nomes, no terreno das artes plásticas e da música.

A construção da sede nova do Museu é absolutamente necessária ao desenvolvimento da cultura artística no país e ao nosso intercâmbio com os países dos diversos continentes.

Estou certo de que o Museu pagará, com juros altos e enormes serviços prestados ao Brasil, a doação constante do projeto de lei agora em trânsito na Câmara Federal.

(ANTONIO BENTO — "Diário Carioca", 15-4-953).

CASA NOVA PARA O MUSEU DE ARTE MODERNA

Depois de aprovado por tôdas as comissões (Finanças, Justiça e Educação), ao chegar ao plenário foi encontrar forte oposição por parte de vários deputados o projeto pedindo dez milhões para o início da construção da sede definitiva do Museu de Arte Moderna, num esplêndido projeto do arquiteto A. E. Reidy, em terreno que a Prefeitura já doou.

Ora, pensando bem, por que esse contra? Porque é hora de "Ajuda teu irmão", de sêca no Nordeste e outras calamidades várias, e não de levantar museus, dizem os oposicionistas. Sempre é hora de ajudar nossos irmãos, mas

também ajudamos nós mesmos e todos os nossos irmãos erguendo um museu, não acham?

Claro que não é argumento, num país em que quase tudo está por fazer, deixar que caia uma coisa que já começou a se erguer, em nome de outra que ainda se deve levantar. Precisamos — e como! — de escolas. Precisamos de solucionar o problema do menor desamparado. Do que é que não precisamos, afinal, neste país, só no setor educação?

Mas não é uma forma de educação, de cultura coletiva, erguer um museu? Pagando entrada, viram quanta gente se lembrou de transpôr as suas portas, para olhar pinturas, para examinar esculturas, para se interessar por arte, afinal das contas? Folheiem o livro das assinaturas, examinem, mesmo, o pitoresco livro dos protestos, e vejam como está vivo e como era necessário este museu.

E' tão mais fácil criticar do que construir, mas o simples fato de já ter mais de um ano — e que ano bem vivido! — de vida, das cinco exposições já realizadas, do legítimo interesse popular que despertou, das críticas que provocou, do movimento de imprensa que levantou é um bom endosso para o crédito pedido.

Pedem-se subvenções para peças teatrais, para filmes, para excursões artísticas, e é justo que elas sejam dadas para tudo isso. Por que não subvencionar a construção da sede de um museu de arte que já tem um começo de passado atrás de si?

Sim. Precisamos de escolas, de hospitais, de crèches, de açudes, de estradas, precisamos mesmo de tudo. Mas o fato de precisarmos tanto de outras coisas não deve ser um motivo para que se vote ao abandono e ao descaso uma soma enorme de trabalho já feito, deixando de continuar uma obra já começada, em nome das outras que ainda há por fazer.

Só o fato de habituar o nosso povo a procurar um museu, como quem procura um cinema ou um teatro, para descanso da mente e alegria do espírito, incluindo entre os seus hábitos o exame e a crítica de obras de arte, o manuseio de livros de pintura, a intimidade maior do homem da rua com as coisas de arte, justifica o esforço e

o dinheiro gasto para dar paredes mais estáveis a um Museu de Arte.

Quem quer que se tenha dado ao trabalho ou à alegria de frequentar o Museu de Arte Moderna, fora dos acontecimentos sociais das "vernissages", teve essa boa surpresa de encontrar estudantes, gente humilde, senhoras tranquilas que voltavam das compras examinando os quadros, abanando a cabeça, procurando decifrar as assinaturas, se interessando pró ou contra — pouco importa! — se interessando.

Acho que o Museu de Arte Moderna, com o seu curto, mas bem vivido passado, tem o direito de lutar, como qualquer carioca, por sua casa nova, e própria.

(ELSIE LESSA — "O Globo", 15-4-53).

O CRÉDITO DO MUSEU

"Um grupo de deputados do Nordeste bate-se na Câmara quase furiosamente contra um projeto mandando dar milhões para iniciar a construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio.

O argumento é simplista e primitivo: não é oportuno dar dez milhões para iniciativa de arte, quando no Nordeste se morre de fome aos magotes.

Se fôssemos adotar esta argumentação, teríamos, por coerência e lógica, que estendê-la a muita coisa mais. Perguntaríamos, por exemplo, a Adahil Barreto como é que ele se atreve a usar gravata, quando o seu eleitor cearense nunca a usou. E como tem ele a petulância de calçar sapato, quando o sertanejo só calça mesmo, quando calça, alpercata comprada na feira. E iríamos, nessa ordem lógica de dedução, a extremos sem fim. Por que, por exemplo, esses deputados nordestinos bebem água em copo e não em cuia de coité? Por que comem doce de lata com queijo e não rapadura com farinha?

Diluída, assim, a estranha e primária atitude de alguns deputados nordestinos, vemos que eles não têm absolutamente razão. Não a têm, principalmente, porque os dez milhões para o Museu de Arte não vão sair das verbas do Nordeste nem iriam aumentá-las, se negadas ao Museu.

Damos muita importância, hoje, a esse fato, porque ele não representa um

caso isolado, nem uma atitude de má fé. Não é a primeira vez que se procura, no Congresso, negar aprovação a um projeto que visa determinada iniciativa, por essa espécie de represália agora adotada no caso do crédito para o Museu, isto é, porque não se tomou iniciativa, também, a favor de outro assunto que nada tem a ver com o primeiro.

Há um primarismo nisso. Nem só de fome morre o homem, morre também, como muitos já morreram, pelo ideal e pela arte. E se há uma calamidade no Nordeste, há também uma calamidade para os artistas que se abrigam no Museu de Arte. E tem a mesma força, a mesma intensidade, a mesma premência. Só que no Nordeste a calamidade atinge a milhões e aqui a poucos artistas.

E aí do Congresso, desgraçado de qualquer parlamento do mundo se, entre os seus membros, não houvesse, sempre uma meia dúzia, ou dois ou três que fôssem, com capacidade de se isolarem do tumulto ou das paixões dos assuntos que alarmam, como a seca, a consciência nacional, para se dedicarem, com calma, a esses pequeninos assuntos de arte que são, entretanto, vida, alma e razão de ser também para muita gente! Ai dos parlamentos se não acontecesse isto entre os seus membros!

Não há, claro que não pode haver, nesta crítica, nenhuma restrição às necessidades do Nordeste. Também os autores e os defensores do projeto que beneficia o Museu de Artes estão, na lista da "Tribuna da Imprensa", como principais doadores de cheques para a campanha "ajuda teu irmão". Todos eles estão de alma sangrando pela desgraça que assola o Nordeste. Acontece, apenas, que, filhos da cidade e da civilização metropolitana, também olham, ao mesmo tempo, com o mesmo amor, para os problemas da cultura.

Vamos votar, portanto, nordestinos, o crédito para o Museu de Arte."

(JOÃO DUARTE FILHO — "Tribuna da Imprensa", 16-4-953).

MUSEU DE ARTE MODERNA

Já ouvi de um deputado o seguinte argumento contra a construção da sede do Museu de Arte Moderna:

— Não é possível que se conceda a verba pedida, porque a seca está aí, há

necessidades gerais, tudo falta, e afinal museu é um luxo.

Segundo a praxe parlamentar, tratando-se de um ilustre membro da Câmara Federal, instintivamente dêste jeito repliquei:

— Vossa excelência dá licença para um aparte?

E então disse o que em discurso de certo eu ainda diria pior: um país mostra o que é e o que pode ser através de seus museus e bibliotecas. Ato contínuo, voltei à comum fala paisana e comentei, cheio de razões, que era erro, e dos crassos, confundir-se arte com luxo, assim como não ficava bem a pessoa nenhuma ignorar que museu e biblioteca são "continuation schools", como lhes chamam os americanos-do-norte.

De fato, pelos museus e bibliotecas é que um povo mostra a sua capacidade criadora, o grau de sua inteligência e de sua sensibilidade. Sem o complemento essencial dessas instituições, que a muitos espíritos simplórios parecem inúteis e apenas ornamentais, uma nação qualquer fica reduzida àquilo que os franceses apelidam com superioridade e desprezo — "pays de la bas".

Deve ainda estar na lembrança de muita gente que em plena guerra, mal os alemães arredavam as botas malcriadas do solo russo, já se dispunha o governo comunista a mandar reconstruir parte da casa ou pequeno museu em Staráia Poliana, terras de Leon Tolztoi. A Inglaterra, por sua vez pegou na pá e na picareta e foi logo tratando de reerguer Coventry, grande museu vivo para quem quiser ver e admirar. Os Estados Unidos nunca deixaram, mesmo no acêso da luta, de adquirir peças de arte para enriquecer os seus museus.

Se se tivesse de parar uma iniciativa qualquer, de ordem material ou cultural, toda vez que uma nação andasse meio individada e desorganizada, por culpa de governos temporários, que graças a Deus passam, pois tudo passa — se assim ocorresse, a guerra seria a suprema justificativa para cessar tudo, quando na realidade nada cessa, que a vida é dinâmica. Seriam por desgraça os dez mil contos pedidos ao governo que acabariam de arruinar este maltratado Brasil? Exageremos, mas não tanto.

Cuidasse o governo atual de bibliotecas e museus, já que de bem pouca coisa ele cuida, e pelo menos não sobraria tempo para essa boataria de gol-

pes e mais golpes, como se nesta terra só existisse golpistas. Não se vai negar que infelizmente há seca, há miséria e sobretudo há desilusões. Daí não se segue que é absolutamente necessário pôr de lado o projeto que manda abrir o crédito de dez milhões de cruzeiros para a construção da sede do Museu de Arte Moderna, alegando-se que há tantas coisas, mais urgentes e mais importantes, de que se deve cuidar, como se todas não pudessem ser feitas simultaneamente. Tivesse eu um pouco de prestígio junto aos srs. deputados, com humildade lhes pederia:

— Nobres pares dêste Reino meio desencantado! Já que somos meio anal-fabets, boa iniciativa é a que manda abrir museus e bibliotecas, pois lendo bem e vendo bem é que um povo se faz grande. Peço deferimento.

(LUIS JARDIM — "Tribuna da Imprensa", 17-4-953).

OS DEPUTADOS NORDESTINOS E O MUSEU

Sòmente ontem, através da nota de João Duarte Filho, publicada em sua coluna da "Tribuna da Imprensa", tomamos conhecimento das origens e intenções do movimento parlamentar contrário à aprovação do projeto que autoriza a doação de dez milhões de cruzeiros para o início da construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O jornalista esclarece que um grupo de deputados do Nordeste bate-se na Câmara "quase furiosamente" contra a proposição legislativa que talvez seja votada hoje em plenário. E mostra a sem razão da atitude dos parlamentares que têm, para combater o projeto, um "argumento simplista e primitivo". Acham os representantes do Nordeste não ser oportuno dar aquele dinheiro para iniciativas de arte, quando no Nordeste está se morrendo de fome! João Duarte Filho demonstra, com argumentos irresponsáveis, o absurdo dêsse gesto pueril de oposição, pois o dinheiro que será dado ao Museu não sai das verbas para o custeio das obras contra as secas.

O mais grave é que a atitude dêsse grupo de parlamentares pode ser encarada como fruto de ignorância e despreço dos nordestinos pelos valores de ordem cultural. Aliás, tenho ouvido frequentemente, aqui no Rio, de artistas a

afirmativa de que os governantes do Nordeste, com raras exceções, não cuidam dos problemas culturais ou artísticos de seus Estados, não somente por serem pobres e sim porque não têm um contato maior com os centros civilizados. Com exceção de Recife, não se cuida, efetivamente, da formação de museus nas capitais dos Estados do Nordeste, cujas populações ficam alheias às atividades artísticas, que caracterizam os povos realmente civilizados.

Mas, se as cidades nordestinas não têm museus e vivem alheias ao que se passa no mundo, em matéria de arte — e se, desgraçadamente chove pouco, este ano, no Polígono das Sêcas, esses motivos não devem nem podem ser invocados honestamente, contra o projeto.

Que fez o Rio de Janeiro, realmente, contra os flagelados ou contra o Nordeste?

Ao contrário, esta é a mais nacional de todas as cidades brasileiras, acolhendo de braços abertos os filhos de todas as regiões do país. E agora mesmo, a grande campanha de solidariedade à população sofredora do Nordeste liderada esplendidamente no Rio, pela generosa, pela transbordante energia de Carlos Lacerda, é uma prova irrecusável da bondade e dos sentimentos fraternais dos cariocas e dos demais brasileiros aos seus irmãos ora atingidos pela calamidade da seca.

Também não tem nenhum fundamento a alegação dos inimigos do projeto, referente ao fato da Constituição determinar que seja construída a nova capital no interior do país. A essa alegação referiu-se ontem o deputado Jorge Lacerda, autor do projeto, em suas declarações dadas ao "Diário Carioca". Se o Rio vai deixar de ser a capital do Brasil, logo neguemos o auxílio ao Museu! Tal é o novo e infeliz argumento dos adversários do projeto. Isso deixa perceber que, senão o desejo, pelo menos o pensamento subconsciente desses deputados traduz uma atitude de hostilidade contra o Rio. Se esta grande cidade entrar em decadência, com a mutilação que vai sofrer, que importa isso para esses distantes e alheios representantes do povo?

Ao contrário se tivessem visão política nacional e possuíssem cultura, esses deputados deveriam fazer tudo, desde já, preventivamente para que o Rio nada sofresse com a mudança da capital para o planalto goiano. A criação

de museus e de outras instituições artísticas e culturais são atrativos turísticos, que poderiam, de certa forma, compensar a crise, o abalo e o traumatismo decorrentes da operação cirúrgica que, mais dia menos dia, será feita nesta grande cidade, por força do dispositivo constitucional.

Nesse sentido, são procedentes as ponderações do deputado Jorge Lacerda, que não quer ver o Rio transformar-se futuramente numa nova Cartago.

De tudo se conclui que a oposição "furiosa" dos representantes nordestinos ao projeto, dado o "primarismo" dos argumentos e intenções a que referiu, com perfeita objetividade, João Duarte Filho, mostra falta de cultura política e sentimentos regionalistas. Sentimentos mesquinhos, antibrasileiros e obscurantistas, com os quais certamente estão em aberto desacôrdo a população do Nordeste, seus deputados cultos da Câmara Federal, seus intelectuais e artistas.

(ANTONIO BENTO — "Diário Carioca", 17-4-953).

O RIO DEVE TER O SEU MUSEU DE ARTE MODERNA

O deputado Jorge Lacerda apresentou na Câmara Federal um projeto, abrindo um crédito de dez milhões de cruzeiros para o início da construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. É uma iniciativa que se impõe e não pode deixar de merecer os nossos aplausos. Além disso, já foi doado pela Prefeitura um terreno para esse fim, na Esplanada do Castelo, e seria de lamentar que, vencida a primeira etapa, ficasse a construção adiada.

Torna-se necessário frisar que não se trata de uma obra suntuária, como muita gente, erroneamente, pode pensar. A educação artística constitui um dos elementos básicos da vida de um povo. Não precisaríamos lembrar o que todo mundo sabe, que já na noite dos tempos, na era pré-histórica, o homem das cavernas dava expansão a essa necessidade vital, gravando na pedra desenhos que sobreviveram aos séculos.

Ora, a arte, como tudo, evolui; e o que chamamos, talvez imprópriamente, de arte moderna, corresponde ao estado de espírito da humanidade atual. Furtar-se a dar a um povo a educação ar-

tística reclamada por esse estado de espírito seria um crime. Todas as grandes capitais do mundo contam hoje com um museu da referida espécie. E aqui, possuímos o exemplo eloquente de São Paulo. O Rio precisa ter, quanto antes, o seu Museu de Arte Moderna. Malgrado certas resistências lamentáveis, da incompreensão dos representantes do povo, esperamos essa realidade.

("Jornal de Letras", abril de 1953).

ARTES E KEYNES

O grande acontecimento cultural deste instante em Londres é uma exposição de arte mexicana. Quase ia dizendo apenas "grande acontecimento" porque a exposição de arte mexicana não tem seu êxito circunscrito às colunas inglesas de artes plásticas. Reportagens e artigos especiais estão sendo escritos, e, segundo nos informa o British News Service, o professor I. W. I. Bullock, de Cambridge, já propôs na Inglaterra que se iniciasse um intercâmbio de obras de artes com os países latino-americanos. O professor se refere às obras de arte primitiva, de que em geral há duplicatas, mas sua reação indica o entusiasmo despertado pela mostra mexicana. E esta não se limita à arte pré-colombiana do México. É, isto sim, um majestoso arco que vem dos Maias e Aztecas até Tamayo, Siqueiros, Orozco e Rivera.

Agora, pergunta-se: se o Brasil tivesse a oportunidade de ocupar, em seguida ao México, os mesmos salões para uma exposição de arte brasileira, poderíamos aceitar o convite? A resposta é não.

Em toda a América Latina não existe, nas artes plásticas, um país que se possa comparar ao México, mas não é essa a razão da negativa referente ao Brasil. Embora não pudéssemos comparar a arte de Marajó com a pujança da arte pré-colombiana do México, também nós poderíamos apresentá-la sem desdouro, na bela simplicidade de suas igaçabas e nas intrigantes possibilidades de seus "cache-sexé" de cerâmica, e trazê-la até hoje, até as fases desconcertantes de Cícero Dias e às nobres formas humanas, históricas e religiosas desse paradoxal Portinari.

Mas então por que não aceitaríamos o convite? Porque não acreditamos em arte, porque tudo que temos está disseminado pelos quatro cantos do país, porque se não fossem uns poucos abnegados como o velho Goeldi, como Ladislau Neto e como Frederico Barata nem teríamos, em Belém, o que temos de arte marajoara, e porque se não fosse o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro o povo carioca ainda continuaria na impressão de que o apogeu da pintura de hoje é aquele Sansão cômico de rosa do sr. Osvaldo Teixeira, um perfeito anúncio de Biotônico Fontoura.

Não acreditamos em arte, como acreditam os mexicanos. Lá, Diego Rivera é comissionado pelo Estado até para pintar as paredes do reservatório de água da capital do país; lá a arte moderna entra pela porta das escolas, pelo saguão dos prédios públicos e vai, em exposição, aos pequenos "pueblos". Aqui, uma ajuda do governo ao Museu de Arte Moderna parece a alguns um crime econômico. O Brasil não estaria em situação de poder ajudar os seus artistas. Foi no entanto John Maynard Keynes, o grande economista quem lançou na Grã-Bretanha em guerra, na Grã-Bretanha apertada entre a rocha de Dover e a espada nazista, o plano do Conselho de Educação, Música e Artes que invertiu milhares de libras na cultura do país, que abriu as grandes exposições que viviam cheias de gente, mesmo quando lá fora uivavam as sirenes do alarmo aéreo.

Um povo sem arte é um povo de bichos, um povo sem Museu é um povo sem Câmara. Enquanto não acreditarmos em nossa arte estamos, em verdade, provando não acreditar em nós mesmos.

(ANTONIO CALADO — "Correio da Manhã", 19-4-953).

DEVER CONSTITUCIONAL, A PROTEÇÃO DAS ARTES E DA CULTURA

Em rápida «enquete», «O Globo» ouviu, na manhã do dia 17 de abril, deputados de diversos partidos sobre o projeto que autoriza o Poder Executivo a abrir o crédito de dez milhões de cruzeiros para auxiliar a construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

A PALAVRA DO SR. ARTHUR SANTOS

Disse o deputado Arthur Santos, cujo nome está em evidência para a presidência da UDN nacional:

— Sou signatário do parecer, aprovado pela Comissão de Finanças da Câmara, favorável à concessão do auxílio. Julgo que esse auxílio é justo, até porque, pela Constituição atual, um dos deveres do Estado é amparar e proteger a cultura em todas as suas modalidades. E, inegavelmente, a construção do Museu de Arte Moderna é uma obra de cultura por excelência.

DECLARAÇÕES DO SR. ARMANDO FALCÃO

Assim se manifestou o deputado Armando Falcão, um dos representantes mais ativos da Câmara:

— O Museu de Arte Moderna contribui poderosamente para o desenvolvimento cultural do país. E tudo o que possa contribuir para o desenvolvimento artístico e cultural do país só pode merecer o nosso apoio. Daí por que votarei a favor do projeto.

DO DEPUTADO FIRMAN NETO, DO P.S.D.

Declarou o deputado pessedista Firman Neto, membro da Comissão de Educação e Cultura da Câmara:

— Na Comissão a que pertencço, foi unânime a votação em favor do projeto. O argumento que agora procuram fazer sentir contra a aprovação da matéria é de que a situação financeira do país não comporta gastos dessa natureza. A isso oponho que dificuldades econômicas sempre houve. Se fôsse assim, então não teríamos nem museus, nem bibliotecas, nem monumentos, nem, forçando um pouco, escolas e estabelecimentos de ensino, e sim apenas coisas materiais.

DO SR. COELHO DE SOUZA

O deputado Coelho de Souza, do PL gaúcho, assim se manifestou:

— É verdade que atravessamos situação econômica muito grave, embora já se anunciem dias melhores. Mas também é verdade que os dez milhões de cruzeiros

não serão empregados de imediato, e que, também, tal importância não é de vulto a desorganizar mais a situação que atravessamos. Por outro lado, qualquer importância que se empregar em serviços culturais será bem empregada, pois é pelo espírito que as Nações sobrevivem. Num momento em que, apesar dos pesares, gastamos uma pequena fortuna na compra de aviões a jacto, não poderia ser demais uma pequena soma — dez milhões de cruzeiros — para auxiliar a construção de uma Casa de Arte, cujo custo será muito mais elevado — cerca de setenta milhões de cruzeiros, segundo se informa.

AJUDA INDISPENSÁVEL

O projeto do deputado Jorge Lacerda, concedendo ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro um auxílio de dez mil contos para a construção de sua sede própria, deverá nestes próximos dias, ser votado no plenário da Câmara, ao qual foi remetido depois de aprovado em todas as Comissões técnicas.

São dez mil contos para financiar a expressão mais universal de nossa cultura, as artes plásticas. Dez mil contos para a educação estética do país, notadamente dos habitantes da capital. Dez mil contos para a iniciativa turística mais atrativa da cidade. Na verdade, o projeto Lacerda peca pela insuficiência. Muito mais se deveria atribuir, anualmente, rotineiramente, para estimular as artes plásticas no Brasil. Muito maior será o custo da admirável sede projetada por Afonso Reidy, sede destinada a ser, por muito tempo, a mais bela obra do acervo do Museu.

Apesar disto, há quem julgue excessiva a ajuda prevista no projeto Lacerda. Há, mesmo, quem a julgue completamente injustificável. Por que, perguntam alguns, deve o Estado amparar com soma tão vultosa uma iniciativa cultural supérflua, se faltam hospitais e creches? Por que, interrogam outros, conceder-se auxílios a um museu carioca, se passam fome e sede os nordestinos e nunca seria demasiada a assistência que se prestasse aos flagelados? E os loucos? E os órfãos?

É lamentável o hábito que têm os inimigos da cultura de sabotá-la em nome da caridade e sob o pretexto de aplicar, em fins mais humanitários, os recursos que se pleiteiam para amparar

as artes. Evidentemente, todas as leis que abrem créditos e importam em ônus para o Tesouro precisam ser consideradas não somente em si mesmas mas também em função do que se deixa de fazer, por se dar a recursos limitados um determinado destino. Isto, no entanto, é muito diverso de se pretender desviar, para objetivos assistenciais, cada cruzeiro aplicado em objetivos culturais.

O Brasil não pode fazer de si próprio um conceito hospitalar.

Toda opção financeira, por parte do Estado, implica na aceitação de um determinado projeto de si mesmo. Que deve ser o Brasil? Segundo o que o Brasil deve ser e de acordo com os requisitos necessários para que se realize aquele projeto de Brasil, assim terão de ser feitas as inversões públicas.

Na verdade, em países subdesenvolvidos, como o nosso, o critério básico para o julgamento das inversões do Tesouro é sua reprodutividade. Mas nem o Tesouro pode eximir-se de algumas inversões irreprodutivas, nem é direta a reprodutividade de todas as inversões. Examinados à luz desse critério, que é o único que pode apresentar validade objetiva, os argumentos "assistencialistas" perdem a importância que lhes dá uma apreciação emocional. As despesas assistencialistas são, quase todas, irreprodutivas, inclusive indiretamente, somente se justificando ante a obrigação em que se encontra o Estado de arcar com um mínimo de responsabilidades sociais, a despeito de sua falta de recursos. Diversamente, as inversões culturais são todas de alta reprodutividade indireta, ou porque contribuem para elevar o nível intelectual da população, aumentando-lhe a qualificação, ou porque suscitam nos países estrangeiros uma simpatia e compreensão de que se beneficiará o próprio país.

Dar ao Museu de Arte Moderna sua sede própria é dar-lhe condições para produzir arte, educar para a arte e atrair pela arte. Isto é uma inversão da maior reprodutividade. Se a vitória sobre nosso subdesenvolvimento econômico é condição *sine qua non* da sobrevivência nacional, a vitória sobre nosso subdesenvolvimento cultural é condição para que aquela seja realizável. O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, pelos fins a que se dedica e pela forma como o faz, é um dos mais importantes órgãos da educação nacio-

nal. A ajuda prevista no projeto Lacerda é mais do que merecida. É indispensável.

(“Correio da Manhã”, 21-4-943).

ARTE MODERNA

O Sr. Jorge de Lacerda, por ser um intelectual, não tem preconceitos contra a inteligência, o que não significa que outros intelectuais não os tenham, afogados por um excesso de vaidade que não lhes permite enxergar mais nada que não seja a projeção de suas próprias pessoas. E porque não tem tais preconceitos sua ação na Câmara Federal tem sido marcada por um constante empenho em servir aos nossos escritores e aos nossos artistas, que tão pouco têm recebido do poder público. É deles que mais se gloriam as nações. E neste momento, sem a menor dúvida, duas das expressões máximas da propaganda do Brasil no exterior não são senão Heitor Villa-Lobos, o maior compositor que as três Américas já produziram, e Candido Portinari, pintor de gênio, que tanto mais admiramos quanto mais ampliamos os nossos conhecimentos artísticos através das viagens e das visitas aos grandes centros de cultura.

Alguns deputados acham absurdo que se vote dez milhões de cruzeiros para a edificação de um museu de arte moderna. Mas um museu de arte moderna é alguma coisa que fica, que tem uma finalidade útil, que tem uma existência posta ao serviço da cultura. Esses mesmos deputados não estremecem de horror, nem se escandalizam, quando quantias bem maiores são gastas, numa semana apenas, num programa de recepção a um chefe de Estado estrangeiro, cuja visita não deixa traço. Ou quando a rapina de falsos líderes trabalhistas devasta, no dôbro, ou no triplo, os dinheiros públicos do fundo sindical, amealhados com o sacrifício da massa trabalhadora. O Brasil, das nações civilizadas, é a que possui mais escassos e mais insignificantes museus, sendo que, nos oficiais, existe o preconceito enraizado contra os artistas novos. Novos, às vezes, não pela idade, mas pelos processos, pois que há outros, jovens embora, que já nascem “velhos”, acadêmicos, renunciando a todas as pes-

quisas e a todos os esforços para a apresentação de uma contribuição pessoal, própria, isenta de submissões, de servilismo, de espírito de cópia. Um Museu de Arte Moderna, que seja realmente um museu e não um apêndice, por empréstimo, no rez do chão do Ministério da Educação, não é coisa para se desdenhar ou combater.

Não podemos mostrar aos turistas somente o Pão de Açúcar. Isto é matéria para alguns minutos de contemplação, apenas. Não se visita a capital de uma grande nação apenas para ver uma massa granítica para a qual a nossa civilização em nada contribuiu. Além, desta espécie de turistas, que querem ver pedras, montanhas, avenidas e praças, há uma outra, a dos que se interessam pelas coisas do espírito. Um turista que venha ao Brasil poderá querer ver a pintura de Pedro Américo, de Victor Meireles, de Almeida Júnior, e a encontrará na Pinacoteca da Escola de Belas Artes. Mas se quiser ver a de Portinari, a de Pancetti, a de Guignard, ali só a encontrarão simbolicamente. Muito útil seria a reunião de uma galeria representativa desses e de outros dos nossos melhores pintores modernos, em caráter permanente, num museu que pudesse ser visitado pelos turistas.

Parece que alguns não alcançam a importância de uma realização desta natureza. Eu a alcanço, porque testemunhei, durante dois anos, como o Museu de Arte Moderna, de Nova York, se converteu em centro de aproximação intelectual e artística, liderando a vida espiritual da grande cidade ameaçada de submergir no mais estúpido materialismo. Na minha viagem do ano passado, à Europa, pude sentir bem a influência da pintura no turismo. Já não falo de cidades como Florença, que possuem as maiores riquezas do mundo em pintura e escultura, mas de outras cidades que, tendo pouco interesse, de qualquer outro ponto de vista, e possuindo apenas umas raras obras de grandes artistas, estão no itinerário obrigatório de qualquer turista interessado em pintura. Em Amsterdam, por exemplo, o Rijksmuseum, com as obras de Rembrandt, e o Museu Municipal, com 150 telas de Van Gogh, atraem visitantes de todo o mundo. Gente da Europa inteira vai, quando pode, a Antuérpia, para ver os painéis de Rubens, sobre a subida, a descida da cruz e a

transfiguração do Senhor. Como não há quem não visite a catedral de Saint-Bavon, em Gand, para admirar o famoso "Agneau Mystique", dos irmãos Van Eyck. Quem vai à Suíça, tem de parar pelo menos um dia em Bâle, para ver o seu museu de arte moderna, — um dos melhores da Europa, — ou em Zurich, para ver o famoso "Ganymedes" de Rubens. A arte de Memling basta para levar a Bruges turistas desinteressados de suas rendas maravilhosas. Ao iniciarse a temporada de verão, surgem nos jornais de Paris anúncios assim: "Venha à Côte d'Azur! Passe o verão em Nice. Passeios deliciosos pelos arredores, inclusive à igreja modernista decorada por Matisse e Michel-Marie Poulain". Estou certo de que a igreja católica, decorada por Cândido Portinari no interior de São Paulo, — o que não faz senão continuar a tradição de Miguel Ângelo, de Giotto, de Ghirlandaio, de Fra Angélico e de tantos outros, vai atrair numerosos turistas nacionais e estrangeiros a esse recanto paulista, onde um bispo compreensivo e amigo das artes teve um gesto largo e simpático que, infelizmente, não foi repetido em Minas com a igreja modernista da Pampulha. Eis porque apoio o projeto de Jorge de Lacerda e não vejo como se possa confundir-lo com o drama das sêcas, e repeli-lo porque não tem chovido no Nordeste. Tais fatos, por muito lamentáveis, não nos impedem de comprar aviões a jato. Nem podem determinar um colapso da nossa vida cultural. Porque, assim, nossas desgraças seriam ainda maiores.

(RAYMUNDO MAGALHÃES JUNIOR
— "Diário de Notícias", 24-4-953).

DIGNO DE TODO APOIO

O projeto de autoria do deputado Jorge Lacerda, concedendo ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a importância de dez milhões de cruzeiros, destinada a construção de sua sede própria, é uma dessas iniciativas que só podem despertar as maiores simpatias e provocar apoio irrestrito de todas as classes.

Um museu de arte, como o que foi aqui instituído e como o que já existe em São Paulo, mesmo de iniciativa particular, como é o caso de ambos, representa inestimável serviço, que se presta a uma nação inteira, principalmente uma nação como a nossa, tão pobre de

museus de arte. Ajudando a desenvolver-se uma organização de tão altos propósitos, os poderes públicos não fazem propriamente um favor, mas cumprem um dever que lhes incumbe de incentivar e propagar a arte e a cultura.

O museu carioca acha-se instalado numa das dependências do Ministério da Educação, onde tem realizado exposições verdadeiramente notáveis, sempre contando com a boa vontade do titular dessa pasta. Mas é bem de ver que instalado dessa maneira ele estará, invariavelmente, na situação de um agregado, e não é isso o que se quer. O que se almeja, na realidade, é que tenha a sua casa, com dependências adequadas para manter exposições permanentes e guardar com segurança os trabalhos que são confiados a sua guarda. Uma sede em que possa realizar também conferências e talvez aulas, aumentando e diversificando suas atividades em prol da cultura artística.

O projeto Lacerda visa portanto, facultar todas essas conquistas. Nas comissões por que passou nem uma voz se ergueu senão para manifestar solidariedade. Estamos certos de que no plenário, a que deverá voltar, pois da primeira vez teve a sua votação adiada, ocorrerá a mesma coisa, numa demonstração que há de arrancar, para os parlamentares, os aplausos de todo o país.

("O Jornal" — 24-4-953).

MUSEU DE ARTE MODERNA

A Câmara precisa ajudar o deputado Jorge Lacerda no seu trabalho em favor do Museu de Arte Moderna. Está em curso na Casa um projeto desse brilhante deputado dotando o Museu da importância de 10 milhões de cruzeiros, destinados à construção de sua sede. O Museu conta com 1.200 sócios e a ninguém é lícito desconhecer a sua importância no cenário artístico do país. A Prefeitura do Distrito Federal já doou a essa entidade o terreno para a sua futura sede. O resto, agora, é com a Câmara, mas alguns deputados estão contra a iniciativa de Jorge Lacerda, alegando que há necessidade de verbas para o Nordeste e para outras finalidades mais urgentes. Ora, o que o deputado catarinense pede é muito pouco e os efeitos dessa ajuda se farão sentir de forma extraordinária no desenvolvimento do nosso meio artís-

tico. Vamos ajudar o Jorge Lacerda, que luta por um boa causa.

(PEDRO GOMES — "Manchette",
25-4-953).

ARTE, ALIMENTO DE PRIMEIRA NECESSIDADE

O deputado catarinense Jorge Lacerda apresentou à Câmara um projeto cuja eminente votação acende vivo debate. Autoriza o Executivo a abrir, pelo Ministério da Educação, um crédito especial de Cr\$ 10 milhões para o início da construção do Museu de Arte Moderna no Rio.

Contra o projeto levantou-se, na Câmara, o deputado cearense Adail Barreto. Um requerimento sobre adiamento da votação permitiu avaliar o estado de espírito da Câmara, no momento, em relação ao projeto: 113 preferiram esperar, 99 queriam votar imediatamente — e muitos destes para rejeitá-lo.

Neste compasso de espera da reforma ministerial, enquanto examinamos o discurso brasileiro mais importante deste ano, o do sr. Francisco Campos, permitam-nos participar do debate sobre o auxílio ao Museu.

Os argumentos contrários ao projeto, sustentados pelo sr. Adail Barreto, resumem-se no seguinte:

1. Nesta hora de angústia para a Nação, não é possível dar Cr\$ 10 milhões para que se construa, "no asfalto da Capital, mais um prédio suntuoso no qual se abrigará o Museu".

2. Nesta hora de tantas dificuldades, constitui escárnio e até insulto lançado ao rosto da Nação, este projeto com o qual não se dá um auxílio modesto — digamos de 500 ou de um milhão de cruzeiros — mas a vultosa contribuição de 10 milhões para obra francamente adiável.

3. O projeto é inoportuno (portanto adiável) não somente agora, como daqui a alguns meses, pois não é apenas o drama do Nordeste, que estamos vivendo, que nos impede de votá-lo. É uma inoportunidade de anos, porque a crise brasileira como se sabe é profunda e não será resolvida em meses, nem mesmo em dois ou três anos.

4. Trata-se, realmente, de uma obra de inteligência. Mas neste instante precisa-se cuidar com mais desvelo, com mais dedicação, dos problemas diretamente ligados ao povo, que são os

da alimentação, do transporte, da moradia e tantos outros, do conhecimento de todos nós.

O deputado Ari Pitombo acrescentou:

7. Não é justo que se gaste esse dinheiro para alimentar a vaidade de quem quer que seja.

2. À frente do Museu há homens de dinheiro. Eles que contribuam com o seu, se realmente desejam o Museu. Não acarretem este ônus à Nação.

Aos argumentos em favor do projeto, desde os do autor até os da grande maioria da imprensa, notadamente os dos srs. Luiz Jardim e João Duarte Filho, neste jornal, Antonio Carlos Calado, Antonio Bento, Elsie Lessa, Rubem Braga, críticos de arte e publicistas, permito-me acrescentar alguns que nada têm de novos, mas visam a uma tentativa de ordenação do debate.

Do que se trata, afinal?

De proporcionar a um museu de arte viva a possibilidade de dar impulso considerável à construção de sua sede (em terreno já cedido pela Prefeitura, na forma da lei), a fim de levantar fundos particulares para o progresso e a conclusão da obra — entendido, como está na lei municipal, que tudo reverterá à Municipalidade, no caso de não ir adiante ou de se dissolver a sociedade civil que instituiu e mantém o Museu.

Duas ordens de argumentos se alinham contra essa idéia. Uma, declarada, outra inexpressiva mas latente a ponto de se tornar evidente.

Esta é a dos que são contrários à arte "moderna" e, portanto, não querem dar dinheiro público para a construção de um museu que ostente o nome "moderno" na fachada. Suponhamos que estes sejam capazes de vencer a resistência emocional que lhes tolda o raciocínio. Neste caso, perguntaríamos: os srs. dariam 10 milhões para um museu da Arte do Renascimento? Para um Museu, no Rio de Janeiro, destinado a abrigar a Arte dos Primitivos? Ou um Museu d'Art Nouveau? Claro que não, até porque não tem o país a possibilidade de obter coleção suficientes para constituir um museu tão altamente especializado no pretérito perfeito, pescando em coleções avaramente guardadas pelos outros países.

A expressão "moderna" é desnecessária, portanto. O museu é de arte, e basta.

Ainda nessa ordem de idéias, há os que resistem à subvenção para a construção da sede porque julgam que um museu é um depósito de quadros, uma sucessão de paredes com pregos nos quais se dependuram molduras. Sobre esse estreitamento da noção de museu voltaremos a seguir.

O principal argumento contra o projeto é este, como vimos: — O Brasil está em dificuldades. O Nordeste está faminto. Como, então, sem escárnio e insulto ao povo, dar 10 milhões para ajudar a construção de um museu?

Ora, o Brasil sempre esteve em dificuldades. O Nordeste periodicamente tem tido fome. Dificuldades no Brasil, fome no Nordeste não acabarão nem em dias, nem em meses, como reconhece o sr. Adail Barreto, mas em anos. Quando lançamos a campanha "Ajuda teu irmão", visando a ajuda, por iniciativa popular, ao nordestino vítima da seca, o sr. Adail Barreto disse ao microfone da Rádio Mayrink Veiga que a campanha não adiantava muito, que o nordestino não queria esmola, que o Governo é que devia resolver a questão. Agora, quando se pede ao Governo uma ajuda ao museu de arte, ele acha que só o particular deve contribuir e o Governo não deve contribuir para museus.

O argumento é respeitável. Mas exige, pelo menos, coerência. Para que se aceite a tese de que não deve o Rio ter um museu que seja uma fonte de cultura e de desenvolvimento da inteligência e da técnica do país, é preciso que o sr. Adail Barreto concorde em que:

1. Devem ser suprimidas as subvenções às universidades.
2. Deve ser fechada a Escola de Belas Artes.
3. Para que arquitetos? Bastam-nos mestres-de-obras. Pobre não melhora a construção.
4. Para que gastar mais dinheiro formando médicos se poderíamos nos contentar com farmacêuticos?
5. Suprima-se o Serviço Nacional de Teatro.
6. Extinga-se o Instituto Nacional do Cinema Educativo.
7. Sejam dissolvidas as emissoras que não produzem renda, pois país pobre não pode se dar ao luxo de ouvir música.
8. Suprima-se o Serviço de Proteção aos Índios num país que ainda não protege os próprios civilizados.

9. Para que ter Exército, se não estamos em guerra? Para que Marinha, se não temos barcos de pesca?

Na mesma ordem de considerações, e para sermos rigorosamente lógicos, devemos reclamar, com a maior energia, esse escárnio que é a existência de subvenções oficiais para asilos da velhice. Pode, então, gastar dinheiro com os velhos um país que tem tamanho índice de mortalidade infantil? Se não temos como alimentar crianças, devemos deixar os velhos com fome.

Como se vê, esse tipo de raciocínio tem as suas seduções, mas é sumamente arriscado.

Voltemo-nos um momento, com perdão da má palavra, para o estrangeiro. Por que será que a Itália, com mais fome do que nós, aplicou grande parte dos créditos disponíveis e fez até empréstimos no exterior para restaurar as ruínas dos seus monumentos artísticos, reabrir os seus museus, restaurar suas telas, restabelecer seus cursos de arte e de virtuosidade artística? E a França? E a Alemanha — por que a Alemanha, antes mesmo de reconstruir as habitações destruídas tratou dos seus museus?

Somente para turistas que afluem a esses países e com seu dinheiro contribuem para alimentar as crianças e reconstruir indústrias? Neste caso cabe perguntar: por que vão os turistas passar seu tempo nesses museus? Serão todos malandros, esses senhores turistas? Não haverá por trás dessa curiosidade uma utilidade real para o país e ainda maior para a criatura humana?

Vejamos, agora, o passado do Brasil. Com a metrópole ocupada pelo invasor francês, D. João VI veio para o Rio. Que trazia ele, antes de mais nada? A missão artística francesa. Que fez ele, junto com a abertura dos portos? A Escola de Belas Artes, a Biblioteca Nacional, o Jardim Botânico. Seria D. João VI mais atual e mais lúcido do que a maioria dos deputados, hoje?

Aqui é que vem o ponto, a exigir da sensibilidade e da inteligência de cada deputado um esforço, afinal bem pequeno, de compreensão, principalmente daqueles que ainda pensam que arte é luxo.

Um país não vive de somente uma, nem mesmo de umas poucas atividades e interesses. (Dir-se-ia que o vício da monocultura é também uma praga das idéias, no Brasil. Somos um país de

idéias fixas, tolhendo e violentando a espontânea e larga compreensão da complexidade da vida, que é a característica natural e mais bela dos brasileiros).

Um país vive de muitas coisas, ao mesmo tempo. Não fôra isto, não havia problema — mas não haveria, também solução. Seríamos a perfeição do nada, o cúmulo de coisa alguma. O que torna difícil fazer progredir um país, pela solução dos seus problemas, é que eles devem ser encaminhados com uma natural seriação, uma hierarquia que lhes é própria, segundo a urgência de cada qual, mas sem o exclusivismo e o unilateralismo da argumentação dos que se opõem ao projeto com uma violência, aliás, bastante expressiva.

Para compreender a veemência do sr. Adail Barreto, combatendo o projeto de subvenção ao Museu, gostaríamos de vê-lo de pé, na Câmara, ou diante do Palácio do Catete, rasgando as vestes e arranhando o rosto, como um protesto contra o abandono em que todos deixam o Nordeste. Neste caso, admiraríamos o apogeu da sua indignação.

Mas, não. Não o vimos erguer-se para protestar quando cada deputado, graças ao sr. Rui de Almeida, passou a importar automóvel em câmbio oficial, pagando a Nação, Nordeste inclusive, a diferença. Não o vimos, não o vemos levantar-se, todos os dias, à altura da tragédia que invoca, para reclamar a efetivação dos compromissos do Governo, no que se refere à seca do Nordeste.

Créditos? Já há até demais. Não se transformam, porém, em realidade. Que faz, então, o deputado? Combate outro crédito, referente a outro assunto, o do Museu.

Por que será levantado no asfalto esse museu? E onde queria o deputado que o erguessem? Na caatinga? Por que a capital federal vai mudar não se deve construir, aqui um museu? Mas, que planos tem o deputado para a maior cidade do Brasil, quando não fôr mais capital federal? Pretende dinamitá-la, arrasar as casas e salgar os terrenos?

O desprezo pela arte é um sintoma perigoso. O fato de se proclamar, com tamanho descuido, que ela é adiável, que é desnecessária ou constitui um luxo dos tempos prósperos, é sinal — precisamente — de que o Brasil precisa de museus vivos, não meras coleções de obras mortas, mas de museus que fun-

cionem, que tenham cursos, que formem artífices e artistas.

Neste momento de fome no Nordeste, vários governos nordestinos, inclusive o do Ceará, mantêm na Europa alguns rapazes, por conta dos respectivos Estados, para estudar arte. O que os mais diretos interessados fazem, na medida de seus recursos, o sr. Adail Barreto não quer que a União faça, na proporção das necessidades do país e, francamente, na de seus próprios recursos. Para enriquecer a Nação com um museu vivo que custará 60 milhões, e cujo patrimônio artístico já sobe a vários milhões de cruzeiros, pede-se à União 10 milhões. E' ou não um bom negócio?

Amanhã concluiremos estas razões.

(CARLOS LACERDA — "Tribuna da Imprensa", 24-4-953).

A ARTE COMO REIVINDICAÇÃO

Somos dos que acham que tudo quanto o particular possa fazer para o bem da coletividade deve ser ajudado, pela própria comunidade, se necessário, representada pelo Estado; sobretudo quando essa ajuda coletiva se destina a uma finalidade educativa e não ao lucro monetário de alguns; e ainda mais quando a participação do Estado tem como garantia e contrapartida a eventual reversão ao patrimônio coletivo de tudo quanto fôr criado na iniciativa privada. Tal é o caso do crédito proposto à Câmara, pelo deputado Jorge Lacerda, para ajudar a construção do Museu de Arte Moderna, no Rio.

Gostaríamos de nos deter mais longamente na necessidade de um museu, fundados apenas numa pequena experiência de frequentador minucioso e apaixonado de museus em tôda parte onde tivemos a felicidade de encontrá-los. Devemos ao Museu muito de nossa experiência e se não aprendemos mais com êles certamente dêles não é a culpa.

Sem colocar no mesmo plano, mas apenas para argumentar, devemos ponderar ao sr. Adail Barreto, deputado que se destacou no combate ao projeto, com os argumentos que ontem enumeramos, e aos que pensam como êle, que a catedral de S. Paulo está sendo construída em meio às dificuldades em que se debate o país. E com artífices marmoristas italianos, porque no Brasil ainda não se desenvolveram as técnicas do artesa-

nato para obras de arte, abrindo novos caminhos à juventude numa profissão gloriosa e utilíssima: a de criador anônimo da beleza das coisas. Isto, em nossos dias, em S. Paulo. No passado, basta um exemplo: A Notre Dame de Paris foi construída em meio à fome, à peste e à guerra.

Podiam fazer uma igreja simples, pois o povo de Paris passava fome. Mas não se mata a fome do povo suprimindo o estímulo, o consôlo, a animação e o reconforto que a arte lhe transmite. E' por isto que, hoje como no passado, as nações devastadas pela guerra cuidaram de seus museus. E no país que muitos consideram materialista, os Estados Unidos, funcionam museus que são escolas, centros de irradiação da cultura. Não basta dizer que os Estados Unidos cuidaram disso depois de ricos. Seria falsear os dados da questão. Os Estados Unidos enriqueceram precisamente porque TAMBÉM cuidaram disso.

O plano da educação do povo pela arte está num grau abaixo do plano da fé, evidentemente. Mas está pelo menos um grau acima do novo edifício do Senado Federal, cuja construção foi aprovada há dias pela Câmara dos Deputados. E será construído na mesma capital federal, uma capital que vai-se mudar sem levar o prédio.

A formação de artífices da cerâmica e dos trabalhos de arte aplicada, da fotografia e da arquitetura, da arte decorativa com suas mil aplicações industriais, precisa ser invocada para explicar o que é um Museu, tal qual o prevêm os seus organizadores, trazendo para o Brasil o que se faz hoje no mundo inteiro, de Moscou a Nova York, de Nova Delhi a Montreal?

A revelação de vocações e o seu aproveitamento, pelo aprendizado e pela amostragem, pela exibição de modelos dos mestres e pela liberdade de movimentos dos aprendizes dentro de preceitos universais da técnica, do modo de fazer aquilo que se cria com a inteligência, deverão ser invocados para convencer os deputados de que **PRECISAMENTE PORQUE O BRASIL ESTÁ POBRE AGORA** é que se precisa da ajuda oficial para construir um museu de arte viva?

Insinua o sr. Adail Barreto que se fôssem aí uns 50 contos êle daria. E' por isto, precisamente, que não se faz quase nada. O orçamento nacional é pulverizado em subvenções que nada resolvem. Ainda êste ano a Câmara, por descuido,

cometeu o crime de deixar praticamente sem apóio financeiro a Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No caso do Museu, a questão envolve também matéria de justiça. Vejamos: quanto custou, ao povo, o Estádio do Maracanã? Cêrca de Cr\$ 500 milhões. Tudo isto o povo pagou — inclusive os que não vão a futebol, inclusive os que preferem museus. Quase 500 milhões para futebol, pagou o Estado. Será demais, então, dar 10 milhões à arte? Perguntem aos jovens — que vão viver depois de nós, e aos quais, afinal, se destina êsse Museu.

Fôsse o Brasil um país de vida fácil, não se precisaria recorrer à Câmara para ajudar a construção de um museu. Mas, como êste país não encontra na maioria dos seus homens públicos a necessária confiança no futuro do país, a compreensão generosa e inteligente dos problemas em sua numerosa complexidade, precisa da ajuda oficial para garantir o estabelecimento, aqui, do complemento do que se aprende nas escolas primária e ginásial, de instrução post-escolar — para a formação de artistas e de apreciadores da arte, vale dizer, de pessoas que compreendam a beleza da vida e, compreendendo-a, sejam capazes de preservar as fontes da vida em vez de suprimí-las pela sua brutal negação.

Temos mais argumentos, e ousamos dizê-los bons, a favor da subvenção ao Museu. Mas ocorre-nos encerrar esta exposição, que é também um apêlo à Câmara, com dois exemplos e uma razão:

O primeiro exemplo é russo. Vem de Lunatcharski, comissário do povo para a educação e a arte, nos dias tremendos da revolução de 1917. O povo, ululante, era conduzido por bolcheviques que reclamavam em primeiro lugar a comida e deixavam depois, mais tarde, Deus ou Lenine saberem quando, os vagares e lazeres da arte — como se a arte fôsse um enfeite e não uma necessidade do homem. O eminente Lunatcharski, que morreu antes que o matassem os "expurgos" stalinianos, formulou então um apêlo que o deputado Adail Barreto deve ler. Êle explicou ao povo que a arte lhe é necessária e constitui uma parte inalienável e indispensável do seu patrimônio, para garantir a harmonia e a segurança do seu desenvolvimento cultural, base e estímulo das idéias gerais, sem as quais a socie-

dade humana se converteria numa colmeia, com o meticuloso e estúpido destino das abelhas.

Outro exemplo nos foi dado assistir, e ficou como uma antevisão do que será, dentro de uns cinquenta anos, a floração da inteligência nos Estados Unidos da América do Norte.

Em Detroit, capital — como se sabe — da indústria de automóveis, encerrava-se às 11 horas da noite, no extraordinário museu que ali existe, a exposição dos mestres alemães cujas telas foram descobertas pelo exército americano em minas de sal. Trazidas para os Estados Unidos, foram as obras exibidas por todo o país, com entradas pagas em benefício das crianças alemãs. As telas — pela primeira vez na história dos países que vencem uma guerra — iam voltar à Alemanha vencida, para reocuparem os seus lugares nos museus.

A porta do museu de Detroit, em fila tríplice, estendendo-se pelas calçadas no frescor da noite outonal, mães sem ter quem cuidasse dos filhos levavam as suas crianças para ver as telas. Negrinhos risonhos pasmavam diante de Rembrandt, jovens comerciários e operários das linhas da montagem estudavam, sérios, num arrebatamento contido, as linhas da Eva de Lucas Cranach ou a beleza suntuosa, opulenta, dos coloridos de Ticiano. Um povo inteiro, do mais pobre ao mais rico, sondava os sulcos do gênio no autorretrato de Duhner, moderno no seu tempo, moderno sempre, portanto, porque moderno é tudo aquilo que exprime as tendências e as experiências de cada época. A arte então aparecia como realmente é: um espelho da angústia humana, da sua ânsia de expressão e de justificação.

Então compreendemos, ainda mais — que o segredo do futuro dos Estados Unidos está no fato de um inglês fabuloso, Joseph Duveen — que por isto foi feito lorde — haver compreendido que a arte estava na Europa e o dinheiro na América e, pois, era preciso fecundar a inteligência da América para estabelecer o equilíbrio que, de outro modo, distanciaria para sempre as duas civilizações. Duveen foi "apenas", no século passado, um vendedor de quadros. Não foi um deputado. Era vaidoso. Mas, dos vaidosos que afirmam, não dos que negam. Dos que fazem, não dos que impedem de fazer. Mero mercador de quadros, afinal, êsse grande

fator da floração de extraordinários museus americanos não tinha a obrigação de legislar prevendo o que seria um país não este ano, não daqui a um mês, mas daqui a dez, a vinte, a cinquenta anos — e por aí além até o fim do mundo. Ora, esta é a função precípua do homem público: PREVER.

O derradeiro argumento é este: nas horas de maior aflição, é na arte que o povo encontra estímulo e consolação. Não se trata de dar ao povo brioques, em vez de pão, ou circo, em vez de arroz; trata-se de lhe dar aquilo a que ele também tem direito: o aperfeiçoamento moral pelo conhecimento progressivo de si mesmo, que a arte em grande parte proporciona.

Muitos sustentam, como o grego, que a arte visa a melhorar o homem. Mas ainda aqueles que não reconhecem na arte uma finalidade moral (não necessariamente "moralizada") não podem deixar de concordar em que pela arte o homem se conhece melhor; ou antes, reconhece, na transfiguração que a arte impõe a medida de suas paixões o grau de seus sentimentos, a força de suas emoções.

Combater a ajuda necessária à criação de um museu que não seja galeria de quadros, mas conjunto de viva formação de cultura, é negar tudo isto. Combater isto em nome da fome é criar condições pelas quais, pelo embrutecimento das massas e pelo seu alheamento às criações da inteligência, elas cada vez mais cegamente deixem agravar-se as condições que a reduzem à necessidade.

O argumento de que não se deve tratar do espírito enquanto a matéria não estiver saciada é um argumento contra o povo e não a seu favor. É um argumento de inspiração anti-democrática.

Um povo sem desenvolvimento cultural não somente será sempre carente de comida como nem sequer saberá como sair de suas dificuldades. A cultura, de que a arte é o fermento, facilita mais a alimentação do homem do que a COFAP, cujo desperdício e insensatez não despertam a mesma veemência no Sr. Adail Barreto.

(CARLOS LACERDA — "Tribuna da Imprensa" — 25-4-53).

MUSEU DE MILAGRES

Infelizmente, ainda não saímos daquela fase deplorável em que só se considera esbanjado o dinheiro destinado a atividades culturais. Quando o dinheiro sai dos cofres públicos para o bolso de negociastas, muito pouca gente ergue a voz para protestar. Talvez por saber de antemão que o protesto é inútil.

Mas, quando se trata de amparar empreendimentos de inteligência, quando se trata de elevar o nível cultural e artístico do país, há possibilidade de que o governo atenda ao clamor, e então o clamor se faz. Com que argumentos, não importa. Ainda os argumentos imbecis servem, quando o objetivo é atraparalhar.

O caso do Museu de Arte Moderna do Rio é típico. Apresentado à Câmara um projeto do deputado Jorge Lacerda, auxiliando a construção da sede do Museu, com Cr\$ 10 milhões, combateu-o o deputado Adail Barreto, para quem não é lícito que se amparem obras culturais no momento em que o Nordeste morre de fome. Mas o deputado Adail deve trabalhar para que a região que representa na Câmara deixe de constituir para o mundo, com sua miséria, a chaga mais vergonhosa que o Brasil ostenta. A fome, a miséria e o desemprego que o nordestino sofre são um monstruário de horrores, como esses museus de milagres que se vêem em salas traseiras de igrejas como as da Penha, em S. Paulo e no Rio. O melhor meio de combater esse foco de vergonha não é demolir obras de arte.

("Tribuna da Imprensa", 25-4-53).

A CRIAÇÃO DO MUSEU DE ARTE MODERNA

As discussões dos homens públicos continuam, e muitos são os que se levantam contra a idéia. Uns acham que seria absurdo criar um museu, dar dinheiro para coisas que podem esperar e que não fazem falta à coletividade, quando nossos patricios doentes e nossas crianças abandonadas vivem à margem da vida, esperando que o Governo faça alguma coisa por eles. Outros aplaudem a idéia. Pensam que os moços precisam privar com a nova arte para formar sua personalidade, seu gosto, sua cultura. E os debates têm

A BANCADA E O MUSEU

Respondendo a uma consulta de "O Globo", os deputados pelo Distrito Federal, com uma única exceção, manifestaram-se favoráveis ao projeto que abre um crédito de dez mil contos a favor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, para ajudá-lo a construir sua sede.

Vale essa *enquete* de "O Globo", desde logo, como oportunidade de levar a bancada carioca, numa definição prévia a respeito daquele projeto, a vir de encontro à expectativa da cidade. Já se tinha a impressão de que os deputados pelo Distrito Federal dariam o maior apoio à iniciativa. E é público e notório o interesse que o Museu despertava nas mais diversas camadas da população, interesse que não se exprime, apenas, num intenso movimento de visitantes, como ainda no fato de suscitar os mais estimulantes debates em torno das exposições. Vê-se, agora, coincidirem, na mesma opinião favorável, a cidade e seus mandatários, a estes não escapando a circunstância de que, entre outros aspectos, ajudar o Museu é valorizar a cidade.

Além disto, porém, serviram as declarações de alguns deputados para esclarecer um equívoco que às vezes se forma a respeito de tais projetos. Decorre esse equívoco de parecer a alguns que há objetivos mais urgentes ou importantes para serem financiados pelo Estado. E' fora de dúvida que, à luz de determinados critérios, muito justificáveis, o Estado se defronta com objetivos que merecem prioridade mais alta que os de caráter cultural. Dá-se apenas — como foi bem compreendido pela bancada carioca — que o Estado não pode adotar uma só pauta de prioridades, se pode admitir que as verbas sejam unicamente aplicadas com um único destino.

Entre as pautas de prioridades, por exemplo, a econômica ocupa posição relevante. E, segundo o critério econômico, a aplicação das verbas deve se fazer proporcionalmente à sua eficácia para o desenvolvimento do país. Isto não obstante, não teria sentido pretender-se que o critério econômico excluisse o cultural, entre outras razões porque a boa gestão econômica depende da formação de bons economistas, técnicos e administradores.

As declarações prestadas pelos depu-

continuado, enquanto nós, cá de fora, que não somos govêrno, que não somos parlamentares, raciocinamos e compreendemos uma coisa: é verdade que não existem poucos doentes no Brasil, sem remédio, sem pão, sem leite, e é também verdade que não existem poucas crianças jogadas por esse mundo de Deus do Brasil, sem família e sem educação, criando-se sob as garras do vício e do crime, perdendo-se, aviltando-se. Mas isso não está acontecendo agora. Já acontecia antes, quando nós levantamos fortunas para fazer carnaval, para construir o maior estádio do mundo, para oferecer visitas a estrangeiros, para recepcionar grandes figuras de outras nações. E não só fizemos, como continuamos sempre fazendo. Por que somente o museu de arte moderna suscita considerações assim? Afinal de contas é um museu. E um museu é uma escola, um lugar de destaque num país civilizado, uma bandeira desfraldada sobre um ideal, um posto de investigação artística, enfim, um legado à sociedade. Nós que não temos oportunidade de viajar, de conhecer grandes países e culturas do mundo, teremos o nosso museu como uma ponte de contato entre a cultura e a nossa inquietação artística, nossa indagação do presente. Nada saberemos sobre o que fazem os demais países, se não nos for dado estabelecer um ponto de contato entre eles e suas figuras da arte. Lemos muito é verdade, mas somente a leitura não nos dará grandes oportunidades. O museu de arte moderna constituirá, por assim dizer, uma molécula viva da arte internacional, comunicando o sentimento e o pensamento do mundo. Ali viveremos um pouco da França, da Itália, da Espanha etc., e formaremos nossa consciência e nossa personalidade artística. Os moços precisam de escolas e de museus, como os doentes precisam de hospitais e de assistência, como as crianças necessitam de lares e de educação. Mas, no dia em que o Brasil conseguir criar mais escolas e museus, já não mais estarão existindo doentes e crianças abandonadas, porquanto esses índices do pauperismo e dos demais desajustamentos sociais nada mais são do que consequências da ignorância que campeia pela vasta área do nosso território. Somos, então, contra a realização do mais belo sonho brasileiro? Claro que não.

(LAUSIMAR LAUS — "Jornal do Brasil", 26-4-53).

tados cariocas vieram pôr em destaque a necessidade de se considerar com mais ênfase a carência cultural em que se encontra este país. Dez mil contos para o Museu de Arte Moderna é uma prestação irrisória por parte de um Estado que não despende, com a cultura, nem a metade do que deveria fazer. Dez mil contos para o Museu é um investimento insignificante, diante do valor que representará, para esta cidade e para o Brasil, o bellissimo edificio projetado por Afonso Reidy, ainda que se não levasse em conta a circunstância de esse edificio destinar-se a abrigar um patrimônio artístico já importante e que o será cada vez mais e ainda que se omitisse o fato de que todas essas coisas serão dinamizadas e vitalizadas pela ação criadora e pedagógica do Museu.

("Correio da Manhã", 28-4-953).

MUSEU DE ARTE

A posição de nossas elites dirigentes é tão confusa e a sua incultura tão a flôr da pele que vozes parlamentares se levantaram, na Câmara dos Deputados, para combater com *iluminismo demagógico* um projeto do Sr. Jorge Lacerda que concede ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a ajuda de dez milhões de cruzeiros, destinada à construção de sua séde própria. Nenhum argumento de categoria, nenhum raciocínio lógico, nenhuma interpretação alevantada do problema vieram na bagagem da equipe tupiniquim que declarou guerra sagrada às artes plásticas no Brasil. Muito ao contrário, todos eles desconversaram, todos eles procuraram represar o assunto e encaminhá-lo para outro norte, todos eles se afogaram em lágrimas no muro das lamentações das sécas nordestinas. Dois problemas heterogêneos, entretanto, não podem ser vistos sob um mesmo prisma, sob um ângulo igual, sob a mesma perspectiva. Uma coisa é um Museu de Arte marco de cultura e escola a um só tempo. Outra bem diferente é o trabalho contra o flagelo da séca, que vai desde a plañificação da grande e pequena açudagem até a irrigação e assistência social ao flagelado. Querem ou melhor, pretender unir problemas tão diversos, condicionando-lhes as soluções, é obra de bisantinismo dirigido. Não se compreende nem se justifica que representantes

do povo, com certo nível de experiência e de conhecimentos, confundam alhos com bugalhos. É triste mesmo e este espetáculo só vem demonstrar a existência de uma mentalidade retrogada e sem lampejos em uma de nossas Casas do Congresso. "Nem só de pão vive o homem ensina a sabedoria bíblica" e a arte faz parte do espírito, do alimento do espírito, da própria vivência humana. A arte educa o povo e tem de ser parte integrante de sua vida. Os inimigos do projeto Jorge de Lacerda, felizmente não são muitos e felizmente foram derrotados pela própria sem razão das razões que argüiram. O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro terá a sua séde própria e para tanto, receberá a ajuda governamental e os flagelados do nordeste terão também a sua ajuda e a solução para os seus problemas.

Tudo muito simples, tudo muito claro e tudo dentro daquela advertência segura do Nazareno: — "A Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus".

(AUGUSTO ALMEIDA FILHO — "O Radical", 28-4-953).

A TAREFA DO MUSEU DE ARTE MODERNA

Talvez seja votado, na Câmara Federal, em última discussão, ainda esta semana, o projeto de lei, de iniciativa do deputado Jorge Lacerda, concedendo o auxílio de dez milhões de cruzeiros ao Museu de Arte do Rio de Janeiro.

Com a sua oposição "furiosa" ao projeto, o deputado Adail Barreto ganhou uma desagradável notoriedade: a de tornar-se inimigo da cultura, pelo fato de liderar ingloriamente o movimento parlamentar contrário à construção de um museu de arte, coisa que ele considera inútil e adiável, em face da séca no Nordeste!

Em dois artigos irrefutáveis que escreveu na "Tribuna da Imprensa", Carlos Lacerda liquidou, pulverizou todas as objeções do representante cearense ao projeto. Não só as objeções feitas como as que pudesse por acaso fazer ou mesmo imaginar o Sr. Adail Barreto.

A necessidade da construção de uma séde para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro deve ser tida realmente como inadiável. É esta a conclusão de todos quantos acompanharam a repre-

sentação dos nossos artistas, nas últimas exposições internacionais, como a Bienal de Veneza (em 1950 e 1952), a I Bienal de São Paulo (1951), o "Salão de Maio" de Paris (1952). Os concorrentes brasileiros, com raras exceções, foram julgados em nível inferior à média dos seus companheiros de outros países, por falta de comparecimento assíduo às competições internacionais. Coube ao Museu de Arte Moderna de São Paulo a iniciativa da organização da Bienal desse Estado. Graças à iniciativa, o público e os artistas brasileiros, que ainda não conheciam os grandes centros europeus, puderam ver um conjunto de obras modernas representando mais de cinco países. Não fôsse o Museu do Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, e não teria sido possível realizar-se em São Paulo uma exposição de tal amplitude. Provavelmente, a organização da Bienal paulista constituirá o programa mais importante desse Museu de Arte Moderna, cabendo ao do Rio a tarefa de executar um intercâmbio de exposições com os organismos congêneres dos outros países. É esse um dos pontos principais do programa organizado pelo Museu, a que o Sr. Adail Barreto, por incrível que pareça, pretendia doar a quantia de Cr\$ 50.000,00!

Ora, a séde futura do Museu carioca custará pelo menos setenta milhões de cruzeiros. E somente uma exposição de arte moderna, como a I Bienal de São Paulo, fica em mais de sete milhões de cruzeiros aos seus organizadores. Mas, depois de realizadas várias Bienais, e outras tantas competições internacionais, no Museu do Rio de Janeiro, o renome artístico do Brasil, que hoje é insignificante, no seu conjunto, em virtude de sermos desconhecidos, subirá automaticamente, ao mesmo tempo que os nossos patricios aparecerão, em pé de igualdade, com os seus colegas europeus, nas exposições estrangeiras, e o grande público brasileiro tomará contato com a arte moderna de todos os países.

Quem conhece o Velho Mundo e os Estados Unidos da América, sabe que os seus povos (e não apenas as suas elites cultas) têm na mais alta conta as realizações artísticas.

No século atual, as artes plásticas concorrem vitoriosamente com a literatura, assumindo do ponto de vista da importância cultural, uma posição de primeiro plano. Torna-se, por isso mesmo, necessária a construção imediata da

sede do Museu de Arte Moderna do Rio, que somente assim ficará aparelhado para desempenhar as tarefas exigidas pelo nosso movimento artístico. Esperamos assim que se aplaque o ódio e os preconceitos provincianos do Sr. Adail Barreto, em benefício do renome internacional do Brasil e no interesse dos nossos artistas (entre os quais estão os cearenses), que precisam tornar-se conhecidos e admirados no exterior. Este é o único objetivo do Museu, que não tem finalidades lucrativas. Seu único propósito é servir à causa da cultura brasileira.

(ANTONIO BENTO — "Diário Carioca", 28-4-953).

"O PROJETO JORGE LACERDA ENOBRECE A VISÃO PARLAMENTAR"

Desde que alguns deputados resolveram combater o anteprojeto de Jorge Lacerda mandando doar um auxílio para a construção do Museu de Arte Moderna do Rio, tem a opinião pública manifestado com salutar energia o seu repúdio a essa atitude demagógica de alguns parlamentares. E a maioria dos intelectuais e artistas também.

Em entrevista concedida ao "Correio da Manhã" no dia 28 de abril, assim se expressou o artista Tomás Santa Rosa:

— Nasci no Nordeste e tenho hoje mais de 40 anos. Desde menino que ouço falar no flagelo da séca, e vejo os fantasmas humanos invadirem a minha cidade de João Pessoa, o que sempre me foi um triste e familiar espetáculo.

Desde menino, também, senti a intuição artística, e, lá, ainda, se falava de Pedro Américo, como um gigante da arte, mas nunca cheguei a ver, até a minha juventude, uma obra sua. Para mim, os dois problemas coincidiram, ambos, sem solução.

Quando o governo chegou a criar obras para resolver o primeiro, logo depois surgiram os escândalos da orgia administrativa, nada produzindo. Anos depois, muitos, aliás, dedica o presente governo, uma parcela do seu interesse às coisas da Cultura, e, alguns parlamentares lúcidos, que bem sabem que somente de água não vive o homem, vêm se esforçando para ajudar com um óbulo a construção de uma obra, de um Museu de Arte, que sirva, na capital da

República, à sede de conhecimentos dos jovens e dos adultos esclarecidos e ofereça aos estudiosos de qualquer parte do mundo, que nos visitem, o atestado do nosso interesse pelas coisas do espírito.

Na Europa, cada cidade está ligada à tradição do seu Museu; Paris ao Louvre; Madri ao Prado; Roma ao Vaticano; Florença aos Uffizzi; Nova York ao seu Museu de Arte Moderna.

Que diferença farão dez milhões aplicados à uma nobre iniciativa? Que solução dariam dez milhões a tantas obras sem planejamento? O projeto Jorge Lacerda enobrece a visão parlamentar. Ao eminente opositor ao citado projeto, nordestino como eu, sugiro trabalhar pela sua aprovação, e, aproveitando o precedente, criar e fomentar o aparecimento de tantos Museus, quantos Estados formam a Nação, especialmente em nossas secas paragens."

E o pintor conclui:

— Acredito que se fôrem formadas as novas gerações bastante esclarecidas sobre os problemas da cultura, todos os demais, inclusive o das secas, serão resolvidos sem teimosia ou obtusidade."

OS ESCRITORES E O PROJETO DE AUXÍLIO PARA CONSTRUÇÃO DO MUSEU DE ARTE MODERNA

Depoimentos de Adalgisa Néry, Jorge de Lima, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Eugênio Gomes, Octavio de Faria, Carlos Castello Branco, Luiz Jardim, José Simeão Leal, Brito Broca, Carlos David e Raymundo de Sousa Dantas

PRIMEIRAS RESPOSTAS

A poetisa Adalgisa Néry é cem por cento favorável ao projeto de auxílio ao Museu de Arte Moderna:

— Outra não poderia ser a minha posição — acrescentou. O Museu precisa ter a sua sede, pois com isto só lucrará a cultura artística do país.

Por sua vez, o poeta Jorge de Lima afirmou:

— Sou pela concessão da verba de dez milhões de cruzeiros. O Brasil estaria mutilado em seus ideais de cultura, sem o Museu de Arte Moderna.

A escritora Rachel de Queiroz, cujos artigos despertam sempre a atenção pelo seu espírito polêmico, disse:

— Um país que não financia as suas Belas-Artes, é porque anda ocupado em financiar outras artes mais excusas...

CRIME CONTRA A CULTURA

O romancista José Lins do Rego foi taxativo:

— Se a Câmara dos Deputados negar a verba cometerá um crime contra a cultura brasileira.

Interrogado, o ensaísta Eugênio Gomes, diretor da Biblioteca Nacional, declarou:

— Vejo com a maior simpatia o movimento em torno da concessão do crédito para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, cujo alcance artístico é desnecessário realçar.

É da mesma opinião o romancista Octavio de Faria, autor de "A Tragédia Burguesa":

— Nada justifica a oposição que um grupo de deputados faz ao projeto. Considero da maior necessidade a concessão da verba para construção da sede do nosso museu de arte moderna. E assim devem pensar, é claro, todos aqueles que se interessem pelo nosso desenvolvimento cultural.

A PALAVRA DOS NOVOS

O contista Carlos Castello Branco, um dos novos valores de nossa ficção, resumiu sua opinião numa frase:

— A Câmara não tem o direito de negar a verba.

O romancista também da nova geração, Raymundo Souza Dantas disse:

— Espanta-me o fato de um grupo de deputados ser contra um projeto que dispõe medida cujos efeitos só virão em benefício da vida artística do país. Não acredito que os responsáveis pela reação ignorem a importância que tem um museu de arte.

Também ouvimos Carlos David, jovem ensaísta:

— Em nosso país, onde quase tudo é confiado à administração do Estado, uma iniciativa privada do alcance desta que se propõe o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, só poderá encontrar da parte dos poderes públicos o mais decisivo apoio, uma vez que particulares estão tomando a si um trabalho que deveria caber ao próprio governo. Por esse motivo, creio que o projeto vencerá a pequena oposição que encontrou na Câmara.

TRÊS DEPOIMENTOS

O romancista Luiz Jardim, que mantém uma coluna diária na "Tribuna da Imprensa", onde escreveu longo artigo defendendo o projeto do deputado Jorge Lacerda disse-nos, participando deste inquérito:

— Sem museus não há civilização.

Do escritor Brito Broca:

— Tudo que se refere à arte e conseqüentemente à cultura, me parece assunto vital. Museus e bibliotecas são coisas que se conjugam e se completam. E como rato de biblioteca não posso deixar de assustar-me com o gesto dos que negam auxílio a um museu.

Finalmente, a palavra de José Simeão Leal, diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação:

— O problema parece-me de grande importância educacional. Museus, bibliotecas, escolas constituem a base de um povo.

(JOSÉ CONDÉ — "Correio da Manhã", 28-4-953).

AS VERBAS DA INTELIGÊNCIA

Cogita-se neste momento de dotar esta cidade com um Museu de Arte Moderna.

São necessários — dizem — dez mil contos de réis. Que são dez mil contos? Dirá um sujeito entendido em coisas da matemática que dez mil contos são dez mil notas de conto de réis. Ninharia, se levarmos em conta o que seja um Museu de Arte.

Quando, em 1904, a Comissão de Finanças do Senado cortou uma verba de auxílio à Academia Brasileira de Letras, Ruy Barbosa foi para a tribuna e disse isto:

"É uma insignificância, senhores, a quantia votada, para que se possa invocar em desabono dela as razões da economia e parcimônia dos dinheiros do Estado; razões em nome das quais essas medidas de supressão costumam ser defendidas. Parece-me que as boas finanças não são inimigas das boas letras; parece-me que os orçamentos, os recursos do Estado não receberão golpes injustificáveis com o voto deste crédito suplementar."

Vinte e dois anos antes — seja em 1892 — no seu célebre discurso pronunciado no Liceu de Artes e Ofícios, o mesmo Ruy Barbosa, dentre outras coisas, dizia estas:

"Bem ides vendo, senhores, não é possível estar dentro da civilização e fora da arte."

"Nem o fim da educação contemporânea pela arte é promover individualidades extraordinárias, mas educar esteticamente a massa geral das populações, formando, a um tempo, o consumidor e o produtor, determinando simultaneamente a oferta e a procura nas indústrias do gosto. A facilidade de sentir, admirar e gozar o belo existe virtualmente em todas as almas; é, em todos nós, apenas questão de cultivo."

"Ainda uma página, pois, da história humana, para demonstrar que a inteligência e a educação constituem o mais alto de todos os valores comerciais, a nascente mais caudalosa da riqueza, a condição fundamental de toda a prosperidade. Foi assim em todos os tempos. Derramando a arte a plenas mãos é que Péricles reconstituiu Atenas dos desastres da luta com o Oriente."

"O Estado ainda não aprendeu outro meio de acudir às crises e remover os "deficits" senão endividar-se e tributar. Solicitai dinheiro para o ensino e vereis apurarem-vos migalhas. Em palavras todas as homenagens à instrução popular; nos fatos, uma avareza criminosa. Não é a terra, nem o numerário, o que constitui a riqueza das nações, mas a inteligência do homem, eis a lei fundamental da ciência das finanças. Aqui, porém, se a teoria admite, a prática a rejeita. O orçamento do ensino cresce gota a gota — tem direito a milhares de contos e recusam-lhe centenas de mil réis. Para tudo se contraem empréstimos e abrem operações de crédito; para a educação do povo, nunca! Não se convencem de que a educação não tem preço."

Que são dez mil contos para dotar a cidade com um Museu de Arte Moderna? Uma migalha, se levarmos em conta os seus frutos benfazejos. Avante, pois, com a idéia e com a sua pronta realização!

(FLORESTA DE MIRANDA — "Correio da Manhã", 28-4-953).

FEMINA

O deputado Jorge Lacerda apresentou na Câmara Federal um projeto, abrindo um crédito de dez milhões de cruzeiros para o início da construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. É uma iniciativa que se impõe e não pode deixar de merecer os nossos aplausos. Além disso, já foi doado pela Prefeitura um terreno para esse fim, na Esplanada do Castelo, e seria de lamentar que vencida a primeira etapa ficasse a construção adiada.

Torna-se necessário frizar que não se trata de uma obra suntuária, como muita gente erroneamente, pode pensar. A educação artística constitui um dos elementos básicos da vida de um povo. Não precisaríamos lembrar o que todo mundo sabe, que já na noite dos tempos, na era pré-histórica, o homem das cavernas dava expansão a esta necessidade vital, gravando na pedra desenhos que sobreviveram aos séculos.

Ora, a arte como tudo evolue, e o que chamamos talvez imprópriamente de arte moderna, corresponde ao estado de espírito da humanidade atual. Furtar-se a dar a um povo a educação artística reclamada por este estado de espírito seria um crime. Todas as grandes capitais do mundo contam hoje com um museu da referida espécie. E aqui, possuímos o exemplo eloqüente de São Paulo. O Rio precisa ter, quanto antes, o seu Museu de Arte Moderna. Malgrado certas resistências lamentáveis, da compreensão dos representantes do povo, esperamos essa realidade.

(MARILÚ — "O Jornal", 28-4-953).

O MUSEU DE ARTE MODERNA

O projeto do deputado Jorge Lacerda é merecedor de todos os aplausos e de todo o apóio por parte dos homens que pensam, porque visa a incentivar uma iniciativa de ordem cultural, qual seja a de dar uma sede própria a um Museu de Arte, não importa se Clássica ou Moderna.

Efetivamente, não se justifica essa má vontade em se querer conceder uma verba para auxiliar uma entidade de inspiração artística, quando não se vê esse mesmo Parlamento negar auxílio a associações carnavalescas, a excursões futebolísticas e outras "úteis" emprêsas...

A alegação de combate às sêcas, estaria certa, se paralelamente não houvesse, em contraposição à "ajuda a teu irmão", a ajuda também aos ranchos e aos clubes de carnaval e de futebol e se não fôsse possível também, atender simultaneamente, a uma coisa e outra, à matar a sede ao nordestino, e a matar a fome da cultura ao povo da metrópole, que tanto necessita o nordeste de água, quanto o grande centro representativo da mentalidade do país, do "pão do espírito", que nem só de água, também, vive o homem... parodiando o conhecido preceito bíblico.

Muitos já têm sido os jornalistas, muitas já têm sido as penas e as vozes que se têm abalancado a escrever sobre este palpitante e oportuno assunto. Não será demais, creio eu, nem intempestivo, que se junte a essas penas e a essas vozes, também a minha, portanto, na hora em que se vai votar o projeto do representante catarinense na Câmara dos Deputados.

Ainda há dias, tive o ensejo de assistir, no cinema, a manifestação de agrado com que o público viu aparecer na tela a patrocinadora dêsse movimento, D. Niomar Moniz Sodré, na sua faina de fazer vencer o movimento que ela em boa hora promoveu.

Neste momento, pois, tão oportuno, em que se vai votar o projeto Jorge Lacerda, nunca será demais, nem ocioso esperar que, Câmara e Senado, aprovelem o debatido projeto que tanto interesse levantou em torno da questão, interesse demonstrativo da utilidade do empreendimento, reclamado pelo público brasileiro, e não apenas por quem lhe esteja diretamente ligado.

Não custa, de resto, aguardar que os votantes reconheçam o valor da iniciativa, tornando-a vitoriosa.

(PETRARCA MARANHÃO — "Correio da Manhã", 30-4-953).

MUSEU DE ARTE MODERNA

Pergunta-me um deputado nordestino porque me pronunciara com tamanha veemência a propósito do projeto que concede verbas para o Museu de Arte Moderna. "Você afirmou que negar o crédito seria um crime. Ora, meu caro Zé Lins, pelo seu critério, temos cometido crimes mais violentos, pois cada dia somos obrigados a negar favores a so-

iedades que se propõem a obras de caridade".

Então eu lhe disse: "Você está pon-do a questão erradamente. Desprezar a arte porque muito temos ainda que fazer pela miséria do Brasil é conduzir um problema de alta significação em termos de radicalismo primário. Um país sem arte é tão desgraçado quanto um país com fome. Quando Lourenço de Medicis dava moedas de ouro aos Leonardo, aos Miguel Angelo, devia haver na certa florentinos doentes sem remédios, ou outros sem pão. Mas o que permaneceu como grandeza de uma época, esplendor do mundo e eternidade do espírito foi a obra de arte que o dinheiro do Magnífico conseguiu revelar.

O amigo nordestino não se convenceu. Para êle os dez mil contos iriam faltar aos açudes, as estradas, as massas famintas.

Acredito que muita falta farão. Mas, para a vida essencial do espírito, o gesto de negar-se um pouco das sobras do orçamento à iniciativa tão importante, é crime igual aquele que deixa morrer de fome os brasileiros.

(JOSÉ LINS DO RÊGO — "O Jornal", 1-5-953).

VIDA E ARTE

Teria gostado de depor no inquérito organizado por José Condé, em que foi perguntado sobre a atitude de alguns deputados, impugnando a verba de dez milhões de cruzeiros destinada a um prédio para o Museu de Arte Moderna.

Quando Condé nos telefonou estava eu em São Paulo. Agora, mesmo passando por língua atrozada, não quero deixar de comentar essa reação dos deputados diante do projeto Jorge Lacerda. A ocasião ainda me parece propícia. Aí está o Museu de Arte Moderna, a mostrar nosso artista entre os artistas. — Portinari ali se encontra a faiscar de luz em toda esta força e grandeza, no Salão que se acha numa excrescência do Ministério de Educação, em lugar, digamos, bom por enquanto, mas que não está a altura de sua própria finalidade: a de pôr aos olhos do público o melhor de nossa arte moderna. Temos encontrado na Sra. Niomar Moniz Sodré uma verdadeira heroína de trabalhos e de cansaças, além de uma generosa protetora de nossa arte moderna. Mas, com todos os seus perfeitos

arranjos, com a sua inteligente capacidade de organizar lançamentos e reunir o público, de encontrar lugar próprio para todas as peças de suas exposições, ela não pode fugir da contingência do espaço. Realmente, o Museu de Arte Moderna está carecendo de um campo muitíssimo maior, para que possa permanentemente nos mostrar as obras de arte.

Colocamo-nos dentro daquele dilema tolo, com o qual pessoas de menor inteligência procuram combater, digamos, por exemplo, as maravilhosas coleções do Vaticano, um patrimônio da Humanidade. "Como é possível que o Papa tenha aquelas obras de custo fabuloso, quando tantas criancinhas no mundo morrem de fome?" A tecla é sempre a mesma. Fala-se nessas ocasiões invariavelmente das criancinhas que morrem de fome. Ora, por mais esplendorosa e valiosa que seja a coleção, como essa estupenda do Vaticano, a Fome das criancinhas do mundo todo não teria fim numa semana — que digo? — em três dias, mesmo que tudo fôsse retalhado em leilão, e que o tesouro inteiro se dispersasse. De nada valeria ao mundo o esbanjamento, a dilapidação de um museu, entesourado durante séculos e séculos. A Humanidade perderia seu maior sonho de Beleza, o mundo deixaria de ter mais um motivo para ir a Roma, e passado um dia, as criancinhas de todos os rincões da Ásia e da América, e da Europa, e da África, da mesma maneira morreriam de fome. Procuramos enfrentar o assunto com toda a objetividade e até com dureza. Estes dez milhões de cruzeiros também não seriam solução para as nossas necessidades presentes, e representam uma gota d'água no oceano de nossas necessidades. No entanto, o Museu de Arte Moderna constitui já um Bem para a cidade, uma Escola aberta aos estudiosos da Técnica, uma possibilidade para que se eleve o nível da vida artística no Brasil.

Meu voto — se o voto da cronista conta dentro das opiniões da cidade — é que sejam dados os dez milhões à Arte, que embora moderna, se fôr autêntica, é eterna, muito mais eterna que esses mesmos dez milhões, tão efêmeros. Amanhã, quem sabe, dentro do avassalador custo de vida, um quase nada — afinal uma soma ridícula, que um dia suscitou estas apaixonadas pendengas.

(DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ — "Jornal do Comércio", 3-5-953).

APROVADO O PROJETO DE AUXÍLIO À CONSTRUÇÃO DO NOSSO EDIFÍCIO

No dia 6 de maio, foi aprovado, em primeira discussão, o projeto do deputado Jorge Lacerda, que concedeu um auxílio de 10 milhões de cruzeiros para o início da construção do Edifício do Museu de Arte Moderna.

Duraram dois dias os debates. Aliaram-se no ataque, entre outros, um padre e um comunista (Arruda Camara e Roberto Morena). Mas, defendido brilhantemente pelos srs. Mendonça Junior, Ponciano dos Santos, Emilio Carlos, Nelson Carneiro, Carlos Luz, relator do Projeto na Comissão de Finanças e Jorge Lacerda, autor do referido projeto, venceu êle por 155 votos contra 54.

Submetido a votação, foi o projeto aprovado pelos seguintes deputados: Antonio Maia, Jayme Araujo, Pereira da Silva, Ruy Araujo, Deodoro de Mendonça, Epilogo de Campos, Paulo Maranhão, Afonso Matos, Antenor Bogéa, Crepory Franco, Cunha Machado, Antonio Corrêa, Sigefredo Pacheco, Adolpho Gentil, Armando Falcão, Humberto Moura, Leão Sampaio, Menezes Pimentel, Parcifal Barroso, Paulo Sarazate, Moreira da Rocha, Aloisio Alves, André Fernandes, José Augusto, Elpidio de Almeida, Ernani Sátiro, Janduhy Carneiro, José Gaudêncio, Samuel Duarte, Ferreira Lima, Helio Coutinho, Jarbas Maranhão, João Roma, Lima Cavalcanti, Magalhães Melo, Neto Campello, Oscar Carneiro, Pedro de Souza, Pontes Vieira, Severino Mariz Ulysses Lins, Joaquim Viegas, Medeiros Neto, Mendonça Junior, Ruy Palmeira, Amando Fontes, Carvalho Neto, Leandro Maciel, Leite Neto, Orlando Dantas, Aliomar Baleeiro, Aluizio de Castro, Antonio Balbino, Berbert de Castro, Carlos Valladares, Helio Cabal, Jayme Teixeira, José Guimarães, Luiz Vianna, Manoel

Novaes, Negreiros Falcão, Nelson Carneiro, Nestor Duarte, Oliveira Brito, Rafael Sincurá, Vieira de Mello, Alvaro Castello, Bagueira Leal, Napoleão Fontenelle, Ponciano dos Santos, Benjamim Farah, Gurgel do Amaral, Heitor Beirão, Jorge Jabour, Lutero Vargas, Mauricio Joppert, Ruy Almeida, Bartholomeu Lisandro, Brigido Tinoco, Celso Peçanha, Edilberto de Castro, Flavio Castrioto, Galdino do Vale, Macedo Soares e Silva, Miguel Couto, Raymundo Padilha, Saturnino Braga, Afonso Arinos, Alberto Deodato, Alcides Lage, Benedito Valadares, Bias Fortes, Dilermando Cruz, Carlos Luz, Daniel de Carvalho, Euvaldo Lodi, Guilherme Machado, Guilhermino de Oliveira, Gustavo Capanema, Hildebrando Bisaglia, Israel Pinheiro, Jaeder Albergaria, José Bonifacio, Leopoldo Maciel, Licurgo Leite, Machado Sobrinho, Magalhães Pinto, Monteiro de Castro, Olinto Fonseca, Ovidio de Abreu, Pinheiro Chagas, Rodrigues Seabra, Tancredo Neves, Uriel Alvim, Vasconcellos Costa, Castilho Cabral, Cyrilo Junior, Coutinho Cavalcanti, Cunha Bueno, Emilio Carlos, Euzebio Rocha Yvette Vargas, Lauro Cruz, Lima Figueiredo, Moura Andrade, Moura Rezende, Menotti del Picchia, Nelson Omegna, Paulo Lauro, Ranieri Mazzilli, Ulisses Guimarães, Vieira Sobrinho, Ubi-rajara Kentnedjian, Benedito Vaz, Dolor de Andrade, Arthur Santos, Firman Neto, Ostoja Roguski, Agripa Faria, Joaquim Ramos, Jorge Lacerda, Placido Olimpio, Adroaldo Costa, Coelho de Souza, Daniel Faraco, Flores da Cunha, Godoy Ilha, Hermes de Souza, Henrique Pagnonielli, Raul Pila, Sylvio Echenique, Tarso Dutra, Willy Fröhlich, Lafayette Rezende, Hugo Carneiro, Aloisio Ferreira.